



TERAPIA DAS OBSESSÕES

Sobre a Prevenção, Instalação e Terapia das Obsessões Terapia das Obsessões 1*

Edição 1994 — 1ª ao 5ª milheiro Revisão:

Hilda Fontoura Nami Ariovaldo Cavarzan

Capa:

Nori Figueiredo

Diagramação e Arte: Matheus R. Camargo

-----Ficha 'Catalográfica'-----

Pinheiro, Luiz Gonzaga

Terapia das Obsessões, Luiz Gonzaga Pinheiro, 1ª edição 1994, Capivari-SP, Editora EME.

126 p.

1 — Espiritismo 2 — Obsessão 3 — Terapia

Dedicatória

Dedico este meu primeiro trabalho aos meus filhos, Livia e Victor Emmanuel. Quando eu o escrevi, você filha, estava mudando os dentinhos. Tinha uma porteirinha pela qual, dizia eu, passar muitos bois.

Gostava de lhe dizer: diz aí farofa! e você dizia. Então eu continuava. Agora diz: Adolfo! e você repetia, porque tinha a certeza que eu gostava de sentir o ar escapando pela porteirinha.

Você Victor Emmanuel, nem sequer estava mudando os dentes. Eles eram bem branquinhos, apesar de eu constantemente lhe presentear pirulitos, o que você adorava. Nossa brincadeira era medir forças, no que eu sempre vencia, pois lhe fazia cócegas deixando-o cansado de tanto rir.

Projetando o pensamento pelo futuro, vejo-os integrados na Doutrina Espírita, estudando este livro, e interpretando com fidelidade o raciocínio e o sentimento daquele a quem Jesus proporcionou a felicidade de ser chamado de pai!

Que Deus os abençoe!

Luiz Gonzaga Pinheiro.

Tentação e Remédio

Qual acontece com a árvore, a equilibrar-se sobre as próprias raízes, guardamos o coração na tela do presente, respirando o influxo do passado.

Emmanuel (Chico Xavier) Religião dos Espíritos (FEB)

Se Tiveres Amor

Se tiveres amor, caminharás no mundo como alguém que transformou o próprio coração em chama divina a dissipar as trevas...

Emmanuel (Chico Xavier) Religião dos Espíritos (FEB)

Sumário

Sobre o autor.....	9
Prefácio.....	13
Introdução.....v	15
Prevenção.....	18
Instalação.....	19
Terapia.....	20
Primeira Parte	
Prevenção Contra as Obsessões	21
Clientela Espírita.....	23
Prevenção.....	25
O Trabalho.....	28
A Oração..... sí.i*a*	30
Aprimoramento.....	32
Segunda Parte	
Instalação das Obsessões.....	35
O Pensamento.....	37
O Obsessor..... 7.....	141
O Obsedado.....	45
Obsessão Simples.....	48
A Fascinação.....	53
A Subjugação.....	55
A Obsessão Pós-Desencame...	59
A Obsessão em Crianças.....	62
A Obsessão nos Médiuns.....	65
A Auto-obsessão	70
Terceira Parte	

Terapia das Obsessões ...

O Grupo Espírita

Desdobramentos dos trabalhos

Doutrinação

Fluidoterapia

Evangelhoterapia.....

Assistência Familiar!..

Quarta Parte

Terapia Psiquiátrica.....

O Neurótico, O Psicótico, O Obsedado..

Sintomas Novos. Causas Antigas

A Ansiedade

A Depressão

Reação de Pesar

Ideias Paranóides.....

Delírios

Alucinações.....

Esquizofrenia

Psicose Maníaco-depressiva

O Suicídio

Conclusão.....

Bibliografia

Sobre o Autor

Conheci o autor deste livro, ainda pequeno, quando juntos, pelos campos que hoje são praças do Bairro de Fátima, jogávamos bola com outros meninos. Porém, aquele ponta direita driblador, tinha algo de notável. Não só driblava muito bem os seus marcadores, como eu, mas sobretudo as dificuldades de um viver, no qual, os recursos financeiros não eram grandes. Todavia, complementados pelo carinho de sua adorável mãe e do amor familiar, o menino Luiz adentrava pela vida, descobrindo-a e construindo-a, de maneira tal, que nela houvesse cheiro de terra, pestana de lua e cores de arco-úis, posto que já nascera poeta e compositor.

Mas, o seu grande gol de placa, foi ter vencido na vida com humildade, aliando a sua mais bela virtude, a força de vontade, com a perseverança; apanágio dos que vencem.

Contudo, muito mais apegado aos livros do que à bola, Luiz Gonzaga Pinheiro foi vencendo cada degrau de sua vida escolar, até concluir com raro brilhantismo o curso de Engenharia de Pesca, o curso de Ciências, e de estar apenas alguns meses distanciado do seu terceiro curso, o de Matemática. Se a bola foi o seu brinquedo predileto na infância, se o violão, o seu instrumento carinhoso de fazer os outros

felizes e de conseguir namoradas para os amigos, os livros foram e são a sua eterna paixão de vida, e o estudo . o seu maior lazer.

Assim, quando um belo dia, tocado pela mensagem da consoladora Doutrina Espírita, começou a frequentar a Mocidade Espírita Mário Rocha, do Círculo de Renovação Espiritual, os livros espíritas adquiriram um fecundo leitor, e o Espiritismo, um dos seus mais assíduos estudiosos.

Ainda jovem, o autor mergulhou fundo nos estudos espíritas, questionando, analisando, discutindo, estudando todos os princípios desta doutrina de luz e amor. Quando, também movido pelo aroma irresistível do Espiritismo, passei a frequentar o mesmo templo espírita que ele, e a ler as obras básicas da Codificação, já encontrei no meu amigo, um mestre que muito me ensinou e ensina, assim como também, a todos os que estão sob o seu comando, no cargo de diretor mediúnic do nosso Círculo de Renovação Espiritual.

Sabemos que a espiritualidade é pródiga e sábia, e que nada nos vem nesta vida terrena sem uma razão de ser. Ao ingressar no templo espírita, o meu amigo encontrou não só as respostas que o cientista Luiz procurava, como igualmente, aquela que viria a ser. sua companheira, Nádia Gadelha, e com ela construir um lar no qual o exemplo de amor, a cada momento se transmite aos seus adoráveis filhos: Lívia e Victor Emmanuel. Como amigo, não posso negar a alegria que sinto ao vê-lo em constante atuação doutrinária. Ministrando cursos, proferindo palestras, ouvindo a clientela obscura e anônima já desencarnada, na qual procura firmar a esperança nossa de cada dia, sob a égide de Jesus, o que faz tom todo dinamismo e com toda a garra.

Terapia das Obsessões é o resultado não só da disciplina, da renúncia, da tenacidade, do estudo, da capacidade e do talento do autor, mas, sobretudo, é um espelho de uma vida, no qual o trabalho espírita ocupa lugar de relevo.

Como conhecedor profundo do tema que desenvolve, Luiz Gonzaga ministra uma aula de conhecimento a todos aqueles ávidos de aprendizagem espírita e propicia ao movimento espírita do Ceará a oportunidade ímpar de escrever com maestria o seu nome no cenário espírita nacional.

Ler este livro não é só um deleite, mas obrigação de todo aquele que quer conhecer e se aprofundar na Doutrina Espírita.

Antes de completar quatro dezenas de anos, Gonzaga já desenvolveu muitos dos talentos que o Mestre Maior lhe confiou. Para isso precisou exercitar outras virtudes que tão bem desenvolve como professor que é, e como homem voltado ao estudo e à pesquisa.

Como modesto estudioso do Espiritismo e seu discípulo, sinto-me honrado em destacar a vitória do meu melhor amigo, ao lançar o seu primeiro livro, de uma série de muitos que virão, na certeza de que, conhecendo-o como acredito que o conheço, esta obra servirá sobretudo de estímulo para que o seu trabalho, o trabalho de um homem bom, continue a dar alegrias a todos nós.

Prefácio

Falar sobre obsessão e a sua interferência no comportamento humano, é assunto de rara complexidade. Na leitura que fiz do livro em pauta, detectei uma visão bastante clara sobre a prevenção, instalação e terapia desse angustiante drama que fustiga o mundo. Nosso companheiro, trabalhador devotado ao estudo e à prática desobsessiva, ilustra com clareza estelar, o que os Espíritos imperfeitos são capazes de causar aos encarnados e desencarnados que se lhes fazem dependentes. Somos amigos e companheiros na mesma luta e, de há muito, estamos irmanados nesse ideal que abraçamos, qual seja, a cura das obsessões.

A influenciação perniciosa dos Espíritos ignorantes sobre os encarnados é um mal de longa data: do tempo em que o homem abrigou o egoísmo, o orgulho, a vaidade e o ódio em seu coração. Mas, da mesma época, são os chamamentos do Senhor da Vida, através de suas legiões incansáveis, para a transformação de tais vícios em virtudes, maneira única de materializar o milagre por todos ansiados, a paz, que nos vem como conquista pessoal e intransferível, das moedas do suor, do trabalho e da prece. Sem tais valores éticos, desguarnecido o Espírito, instala-se a sintonia com essas mentes viciadas, que, através de intercâmbio oneroso e doentio, estabelecem o clima bélico, tão propício aos pensamentos de vingança e desarmonia. Contudo, são apenas irmãos infelizes, e, como bem sabemos, o remédio ministrado há dois mil anos por Jesus deve ser a receita habitual das casas espíritas: a caridade.

Amigo Luiz: Sinto uma grande honra em participar do teu trabalho. É muito dignificante. Todavia, tu o sabes, reservo-me a ficar apenas como um trabalhador que se preocupa com essa chaga do mundo—a obsessão, deixando os conceitos filosóficos para os mais capacitados.

Para finalizar, a minha recomendação para os que se dedicam ao labor desobsessivo: **VIGIEM E OREM! AMEM AOS INFELIZES COMO SE FOSSE A SI PRÓPRIOS.** E aos que se encontram em influenciação obsessiva, a terapia: **ESTUDO E VIVÊNCIA DO EVANGELHO DE JESUS, TRABALHO E RENOVAÇÃO SEMPRE.**

Teu irmão, amigo e companheiro Chico Lopes

Introdução

A obsessão é um problema inerente ao ser humano, ainda profundamente distanciado da solidariedade preconizada e vivenciada por Jesus. Convive com numerosa parcela da humanidade, a responder golpe por golpe, ofensa por ofensa,

tomando a receita de Jesus, de perdoar hostilidades como condição de paz interior, por conselho piegas, aberração tola de mente infantil ou acovardada.

Outros mesmo sem receberem agressões, havendo sido, inclusive, agraciados com a confiança e o carinho de seus irmãos, fomentam o ódio, a angústia e a dor em vastas populações e comunidades, estabelecendo a discórdia com ideias sutis, filosofias alienadoras, promessas fictícias de liberdade plena, privilégios inalcançáveis e políticas salvadoras, que estabelecerão, segundo eles, o bem-estar' exaustivamente esperado por todos. Esse vasto acervo de ideias pegajosas e cáusticas para quem as escolhe, culmina na mordomia de alguns, na ânsia de poder de outros, na marginalização de massas proletárias, na alienação de religiosos, no abandono do cidadão comum, todos sequiosos da paz do Cristo, mas com muitos de braços cruzados frente ao esforço de pesquisa sobre as próprias leis que regem a vida, ao rigor da disciplina mental e moral, ao trabalho de renovação de hábitos, à retirada de arestas cristalizadas pelo orgulho e egoísmo, fatores por demais relevantes e opositores da instalação da fraternidade, jóia rara e escassa neste antigo mundo.

Desse imenso atritar de interesses, pela dificuldade de conciliar vivência e virtude, existente na maioria dos habitantes deste planeta de duras provas; pela possibilidade de elástica atuação e penetração dos planos, material e espiritual, e, enfim, pela fragilidade e indigência moral, que nos fazem tímidos apreciadores da ética cristã, mas paráliticos na sua prática, é que resulta ser a terra um planeta de cobranças, onde a dor e a lágrima constituem pagamentos obrigatórios, dos quais ninguém que haja infringido a lei, consegue subtrair-se.

Esquecidos de que, aquele que deve, deve à lei, trazendo portanto chagas na intimidade, que rebentam a tempo previsto, ou mesmo sabedores de que ninguém consegue burlar a lei nem é forte fora dela, precipitam-se impacientes, mostrando carantonhas de ódio, em gestos tribais, pungentes e vingativos contra seus ofensores, sofrendo e fazendo sofrer. Estabelecem-se assim, levas de inconformados, amargurados, perseguidores e perseguidos, homicidas, suicidas, atormentadores de si mesmo, constituindo-se em vasta população sob o guante da dor, que funciona como buril diamantino, lapidando em metal nobre para tomá-lo gracioso.

Eis o grande problema da humanidade nos dias atuais: a aquisição de paz íntima, que só será possível com a erradicação dos processos obsessivos do cenário terreno.

Que Jesus nos ajude em tal desiderato! Nesse trabalho, mostramos caminhos seguros para a prevenção das obsessões, bem como os mecanismos desenvolvidos na sua instalação, e na sua terapia. Estabelecemos ainda um paralelo, entre o obsedado, o neurótico e o psicótico, oferecendo subsídios para distingui-los e auxiliá-los, tanto a nível de atendimento espiritual como psiquiátrico, que em grande número de casos devem ser aplicados paralelamente, traduzindo-se em

bálsamo para o espírito e para o corpo.

Sabendo das dificuldades dos centros espíritas nesse setor, e diante da complexidade e do crescente avanço das obsessões nesse final de tempos, elaboramos presente obra, esperando que dela resulte melhor atendimento e alívio aos irmãos inclusos no tema versado, aprimorando assim as oportunidades de serviço com que Jesus nos tem premiado.

Prevenção

Os bons espíritos são unânimes em afirmar que quanto mais nos melhorarmos em espírito, menores serão sempre as nossas possibilidades de ligação com as forças desequilibradas das sombras.

Do livro "Entrevistas" Chico Xavier. Pág.66

Instalação

Assaltada por vibrações negativas, a mente ociosa ou indisciplinada, viciada ou rebelde, logo registra a interferência e, porque se não ajusta a um programa educativo da vontade, recebe o impulso da ideia, permitindo- -se aceitar a sugestão perturbadora, que agasalha e vitaliza sob a natural acomodação dos complexos e recalques, dos comportamentos pessimistas ou exaltados, que são peculiares a cada um.

Aceita a indução, forma-se uma tomada para a ligação com a sombra, em regime de intercâmbio psíquico.

Do livro "Nas Fronteiras da Loucura" de Philomeno de Miranda, psicografado por Divaldo Franco, págs. 10 e 11.

Terapia

Nos casos de obsessão grave, o obsedado está como que envolvido e impregnado por um fluido pernicioso que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. E necessário livrá-lo deste fluido. Mas um mau fluido não pode ser repelido por outro da mesma espécie. Por uma ação semelhante a que o médium curador exerce nos casos de doença, é preciso expulsar o fluido mau com a ajuda de um fluido melhor, que produz, de certo modo, o efeito de um reagente. Essa é a que podemos chamar de ação mecânica, mas não é suficiente. Faz-se, também necessário e acima de tudo, agir sobre o ser inteligente, com o qual se deve falar com autoridade, sendo que essa autoridade só é dada pela superioridade moral. Quanto maior for esta, tanto maior será a autoridade.

O Evangelho Segundo o Espiritismo. Allan Kardec, <úp. XXVIII item 82.

PRIMEIRA PARTE

Prevenção contra as Obsessões

Clientela Espírita

Os centros espíritas estão repletos de aprendizes, mas a dor, a obsessão e a miséria rondam as portas de muitos, adentrando-lhes os domicílios, neles pousando como hóspede indesejável, mas aceito. Falta-lhes a ação. A maioria observa o trabalho, dá-lhes aprovação e nega-lhes participação. Tomam as palavras de Francisco (é dando que se recebe) como verso de um poema romântico e permanecem de mãos estendidas ao Senhor da vida, fechando-as quando o mesmo Senhor lhes solicita ou lembra os artigos do código fraterno na figura de um irmão necessitado.

No rosto aflito e cansado de muitos, estampa-se a urgência pelo milagre, a pressa pelo imediato e a avidez pela saúde, mas se sondarmos seus corações, relicários dos tesouros dos homens, encontraremos a inércia, a exigência do bem-estar não conquistado e portanto não merecido. Carregam ainda, na intimidade, desejos inconfessáveis relacionados à indisciplina moral, à preguiça mental e desregramentos vários, temporariamente adormecidos pela ação da dor, que funciona através de didática imperiosa e necessária, e cujas lições inicialmente surgem a conta gotas, na tentativa de evitar cirurgias e amputações vindouras.

Cessadas as primeiras lições educativas, primórdios de grandes crises, caso não tratadas de então, quando o centro espírita lhes receita trabalho, renovação e fé, afastam-se para a rotina em que sempre viveram, sem absorver nem a lição da dor, nem a receita da casa espírita. Claro que muitos são sinceros em suas visitas e após os benefícios recebidos, sendo o maior deles a restauração da fé em si e em Deus, voltam-se em agradecimento dinâmico, oferecendo de si, motivados pela renovação de hábitos, o que realmente caracteriza o aprendiz espírita. Estes, impulsionam o trabalho, constituem-se em força motriz da fraternidade, combustível das engrenagens da casa espírita. Contudo, a porcentagem destes é menor que a evidenciada por ocasião da cura dos dez leprosos por Jesus, quando apenas um voltou-se em agradecimento.

Sabemos que a fé para materializar-se em luminescência requer um combustível chamado ação participativa no bem. Sem esta força, ânimo e coragem propulsoras, a casa espírita ainda por muito tempo será a oficina de trabalho para poucos, o templo de adoração para alguns e a hospedaria para muitos frequentadores.

Prevenção

Desejaríamos saber a sua opinião sobre a melhor maneira de nos isolarmos contra os espíritos perseguidores.

Chico Xavier: "Nosso querido Emmanuel habituou-me a dois métodos de libertação gradativa. O primeiro é a oração, pela qual nos lembramos de Deus; e o segundo é o serviço, pelo qual nos esquecemos de nós".

Dez sinais vermelhos indicativos de queda provável na obsessão segundo a entidade espiritual Scheilla:

- 1) Quando estamos na faixa da impaciência.
- 2) Quando acreditamos que a nossa fé é a maior.
- 3) Quando passamos a ver ingratidão nos amigos.
- 4) Quando imaginamos maldades nas atitudes dos companheiros.
- 5) Quando comentamos o lado menos feliz dessa ou daquela pessoa.
- 6) Quando reclamamos apreço e reconhecimento.
- 7) Quando supomos que o nosso trabalho está sendo excessivo.
- 8) Quando passamos o dia a exigir sacrifícios alheios, sem prestar o mais leve serviço.
- 9) Quando pretendemos fugir de nós mesmos através do álcool ou do entorpecente.
- 10) Quando julgamos que o dever é apenas dos outros.

Prevenir significa acautelar-se. Mas, acautelar-se contra o quê? perguntarão alguns. Contra si próprio, direi. Pois, se observarmos o mundo a nossa volta, vasta parcela de quedas e fracassos são eventos iniciados, instalados e culminados com a colaboração da nossa invigilância. Nenhum mal nos atinge, sem que antes tenha havido um comprometimento de nossa parte através de uma sintonia, pela qual a ele nos vinculamos de início, para sermos aprisionados por ocasião do seu acolhimento, e escravizados através de sua prática. Pois é sabido que aquele que faz o mal, a ele se escraviza, até que lhe venha a reparação com a consequente alforria.

Melhor advertência que a mencionada por Jesus no sentido de o homem caminhar escudado pela vigilância e pela oração é impossível. Contudo, o homem, herdeiro das constelações e viajante universal, ingenuamente continua chumbado ao orbe terrestre em seu "habitat" purgativo, recebendo lições continuadas, urgentes e necessárias para o seu despertar. Busca a glória que não o glorifica. A honra que, diante de Deus, muitas vezes o desonra. A felicidade que se traduz em infelicidade, pois geralmente não é respaldada nas abençoadas lições da fraternidade e da solidariedade. Esquece que a glória em qualquer angulação da vida requisita o afastamento do egoísmo e a renúncia da acomodação. Exige o sacrifício pessoal que impõe exaustiva batalha na aquisição da paz íntima, através

do doar para enriquecer.

Se queremos o caminho iluminado, precisamos nós mesmos acender pequena luz, pois difícil se toma a qualquer um, encontrar algo que seja na sombra. Nas bênçãos do serviço, nossa localização será mais fácil e mais raras nossas quedas por pensamentos e ações importunas.

Seja o nosso caminhar para a frente e para o alto. E que Jesus nos dê a força, o ânimo e a coragem para jamais olhar para trás.

Este, o melhor método de prevenção contra as obsessões, imunizando-nos contra as eventuais investidas dos nossos irmãos inferiores.

O Trabalho

"Qual o limite do trabalho?"

O limite das forças; de resto, Deus deixa o homem livre."

o Livro dos Espíritos (683).

"Quem foge ao trabalho sacrificial da frente, encontra sempre a dor pela retaguarda."

André Luiz

Tudo no universo é dotado de dinamismo, encontrando-se a palavra repouso em nossos dicionários, a servir como mero referencial, para melhor entendimento das ciências. A inércia é portanto, uma ficção inventada pela mente daqueles que valorizam a insensatez que é o afastamento do trabalho. É o trabalho que movimenta o átomo e as galáxias, constituindo-se para q espírito, uma necessidade moralizadora e propulsora a dinamismos mais profundos.

Observemos como o trabalho amortecido em seu sentido construtivo se robustece no sentido inverso.

— Na água, propicia a criação de lodo e miasmas pestilenciais.

— No fogo, não favorece a maleabilidade dos metais, ficando os mesmos imprestáveis ao uso comum.

— No ar, traz a morte dos aeróbicos, favorecendo vida aos anaeróbicos, vetores de doenças várias.

— No solo, não perca a desagregação das rochas tomando-o imprestável à agricultura.

O trabalho, tal qual a direção, tem dois sentidos. O natural, que deságua sempre no bem e no belo, e o oposto, que desemboca no erro e na ignorância. O livre-arbítrio decide o sentido que tomamos.

Sábio é aquele que faz do trabalho instrumento de libertação, e tolo, o que trabalha e se faz prisioneiro do trabalho feito. Lembrou-nos Jesus, que Deus jamais cessou de trabalhar e ele mesmo, da carpintaria de Nazaré à cruz em Jerusalém, foi o exemplo maior do trabalho a benefício de todos.

Fugir ao trabalho constitui-se atitude infantil, de quem modela seus pensamentos em tomo de um mundo de fantasias, perfeitamente admissível nas

crianças, mas incongruente para a mente adulta.

E através da ação contínua, que materializamos nossos sentimentos e idealizamos nossas emoções. Não temer o trabalho, antes desejá-lo e amá-lo são pontos concretos a serem perseguidos em nossa jornada diária. Sem estes requisitos, estamos descredenciados para transpor o portal dos mundos de perenes alegrias, mas adaptados somente à atmosfera por nós criada, com o teor de salubridade com que nós a poluímos... Fazemos o nosso destino, mas observando o enfoque evangélico, de que lançar sementes ao solo nunca nos será impedido, assim como colher frutos brotados sempre nos será exigido.

A Oração

"Por isso vos digo: Todas as coisas que vós pedirdes orando, crede que as haveis de ter, e que assim vos sucederão."

Evangelho Segundo o Espiritismo Cap. XXVII - Item 5

"Por que o não podemos nós expulsar?"

—Esta casta não pode sair por coisa alguma, senão pela oração e pelo jejum."

Novo Testamento Marcos: IX: 28-29

OBS. o jejum acima referido, é o das más ações, que faculta uma autoridade moral, única forma de ascendência sobre os espíritos infelizes e ignorantes.

A oração praticada tal qual aconselhou Jesus, em clima de introspecção e revestida de compromisso emocional, pode, entre outros benefícios gerar os seguintes: * Suprimento de forças morais.

* Saturação no clima psíquico ambiental, através de energias balsâmicas e harmoniosas.

* Modificação de nosso tom vibratório, proporcionando resultados imunológicos, profiláticos e terapêuticos.

* Criação de aura específica que nos envolve como couraça protetora, rechaçando formas-pensamentos e vibrações-mentais.

* Revitalização do metabolismo perispiritual, realinhando moléculas e funções ao ritmo saudável da vida.

* Libertação de mentes viciadas dos clichês perniciosos e propiciadores das neuroses e psicoses.

* Edificação da paz de espírito.

Oração e trabalho são portanto, antídotos contra as obsessões e remédios eficazes para a harmonização e criação de clima de prosperidade. Como sempre, busquemos o modelo de nossas vidas, Jesus, e o encontraremos em constantes colóquios com Deus, seja mental, ou através do trabalho, considerado igualmente como uma forma de prece visível.

Infelizmente, uma das atitudes iniciais do obsedado, é a desconsideração para com a prece, por não acreditar-se dela necessitado, ou por duvidar de sua eficácia, menosprezando-lhe a utilidade, pensamento este, incentivado pelo obsessor.

A oração possui a propriedade de arrebatrar as almas deste mundo, e fazê-las entrever as bem-aventuranças que lhes estão reservadas, caso perseverem em ânimo e fé. Não regateemos quanto à oração. Antes, sejamos dela praticantes, tomando-a hábito salutar e companhia inseparável.

Aprimoramento

"Sede vós, pois, perfeitos, como também vosso Pai Celestial é perfeito." (Mateus: V-44-48)

Evangelho Segundo o Espiritismo (Cap. XVII: item 1)

"Se queres ser perfeito, vai, vende tudo que tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu. (Marcos: X-17 a 25)"

Evangelho Segundo o Espiritismo (Cap. XVI: item 2)

Claro, lógico e evidente que jamais atingiremos a perfeição de Deus. Mas, guardando-se as proporções relativas ao nosso estado evolutivo, devemos procurar a perfeição naquilo em que estamos empenhados. Em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", no capítulo XVII podemos observar quais os caracteres da perfeição, onde Allan Kardec delineia as diretrizes para o homem de bem, respaldadas pelos ensinamentos de Jesus. A busca do aprimoramento exige uma abertura em leque, onde o indivíduo exercitará as virtudes próprias às situações vividas, onde terá papel primordial, a caridade, mãe de todas as virtudes. A opinião geral de que isso é difícil, não deve ser levada em conta no desafio, se existem a boa vontade e a perseverança. As dificuldades valorizam as conquistas. Ser pessimista é ausentar-se das glórias do esforço e entrar os passos largos que clareiam a visão nos dias nebulosos. Através do exercício diário na seleção dos pensamentos, das reflexões sadias, da auto-crítica, do cultivo do otimismo, da solidariedade e da tolerância, estaremos nos habilitando às escolas de aperfeiçoamento espalhadas na vastidão do cosmo. Estaremos, portanto alargando a nossa visão e área de atuação, ao contrário daquele que, por sua invigilância, restringe seu espaço e diminui sua mobilidade nas caminhadas evolutivas. Esperamos perfeição nos outros, permanecendo por demais clementes com as nossas próprias imperfeições.

Busquemos incessantemente o nosso aprimoramento, ainda que, através das intervenções corretivas da dor, que remove arestas e remodela o nosso espírito nas bases do amor.

SEGUNDA PARTE Instalação das Obsessões

O Pensamento

"Os Espíritos influem sobre nossos pensamentos e nossas ações?"

—A esse respeito sua influência é maior do que credes porque frequentemente são eles que vos dirigem."

O Livro dos Espíritos: 459

"O homem é responsável pelo seu pensamento?"

—Ele é responsável diante de Deus. Só Deus podendo conhecê-lo, o condena ou o absolve segundo sua justiça."

O Livro dos Espíritos: 834

O pensamento é uma vibração da mente, constituída de matéria de natureza sutilíssima. A mente, ao efetuar uma vibração, impulsionada pela função de pensar, ^materializa uma onda que se propaga em todas as direções, . tal qual a onda sonora, ou a onda produzida na água calma Aquando inquietada pelo choque de um objeto em sua superfície. As-onáas-pensamentos vão -se riebilitando-à proporção que se distanciam do seu emissor, sendo lógico que, quanto maior potência tiver a fonte emissora, maior distância ela percorrerá. Ocorre que, à semelhança das ondas de uma antena de televisão, que levam sons e imagens, as ondas-pensamentos igualmente levam as chamadas formas-pensamentos. Estas possuem amplitude, vigor, colorido e duração determinados pela força e persistência de quem as emite. Constituem-se de matéria sutilíssima e são dotadas de funções específicas impostas pelo emissor. A antena que sintonizar a frequência correspondente à onda, poderá captar a mensagem, cujo teor balsâmico ou corrosivo, certamente influirá (caso haja persistência no canal) na conduta de quem a acolhe.

Podemos concluir de tal raciocínio, que, mesmo sem saber, poderemos ser causadores indiretos de quedas ou ascensões de outros espíritos. E, portal motivo, vinculando- -nos às injunções débito-crédito no campo espiritual.

Em qualquer pensamento, a cor é determinada pela qualidade, a forma, pela essência e a nitidez de formas, pela precisão. Dessa maneira, qualquer espírito, que em qualquer lugar lance ao espaço uma forma-pensamento de amor ou paz, esta terá sempre o mesmo colorido, variando apenas em nuanças e nitidez. Como regra geral, temos as cores claras e límpidas para os pensamentos amorosos, e as cores obscuras, pétreas e oleosas, para os pensamentos inferiores.

Ás ciaões ao além, ondeie reúnem espíritos agressivos, coléricos e inferiorizados, em razão das correntes mentais ali vigentes, materializam clima sombrio e assustador, com predominância do vermelho ígneo, amarelo agressivo, negro... etc.

Tal ocorre também no Vale dos Suicidas, onde a profusão de ondas geradas por monoideias, pensamentos desarmônicos ou encharcados de pungente pesar, manifestam-se num clima onde o solo é lodoso, o ar é asfixiante e a atmosfera é escura e sufocante, gerando um ambiente de pavor.

Os pensamentos sublimados produzem ondas de alta frequência que passam indenes ao magnetismo inferior contido na atmosfera, não sendo este, empecilho à sua locomoção, alcançando assim distâncias inimagináveis. A energia utilizada na produção desses pensamentos dissipa-se, como se fosse absorvida pelos planos superiores, sem deixar resíduos tóxicos no perispírito de quem os emitiu ou acolheu. Os pensamentos inferiores, tradutores do ódio, inveja, ciúme, egoísmo e similares, produzem ondas longas, de baixa frequência, sendo portanto de penetração inferior às ondas acima mencionadas. A energia utilizada na elaboração de tais ondas não consegue de todo volatilizar-se devido sua densidade, gerando resíduos que são incorporados ao perispírito, exigindo posterior drenagem, levada a efeito, quase sempre, através de desarmonias físicas. Vivemos assim, mergulhados em um mundo de ondas, onde somos fontes receptivas de correntes mentais que se identificam com as nossas aspirações. Somos o que pensamos. Podemos até dizer que, conhecendo-se os pensamentos de alguém, presto, identificaremos os tipos de companhias a ele vinculadas.

Lembramos ainda que, pelo nosso excesso de egoísmo, somos emissores e receptores do nosso próprio pensar. Pelo egoísmo, centralizamos o pensamento no eu, pressionando as ondas mentais a gravitarem ao nosso redor, já que somos introrsos em nossas aspirações. Os estados de melancolia, agitação, desespero, mágoa, ódio, gerando pensamentos deprimentes, criam preocupações em seus próprios emissores, através de um fluxo de retorno, via egoísmo, matéria prima usada na fixação de tais estados mórbidos.

Como as formas-pensamentos possuem a duração que se lhes impõe, efêmera ou constante, determinando o clima doméstico, do bairro, cidade, país ou orbe, através dos seus somatórios, resta-nos sanear a casa mental, despoluindo a atmosfera, imprimindo direção, nitidez e emoção positivas ao nosso pensar.

O Obsessor

"Reconcilia-te com o teu adversário enquanto estás a caminho com ele."

(Mateus. V:25-26)

"O espírito sabe que a morte só pode livrá-lo da presença material do seu inimigo, e que este pode persegui-lo com o seu ódio, mesmo depois de haver deixado a Terra."

Evangelho Segundo o Espiritismo

(Cap. XII: item 5)

O espírito obsessor, outrora pode ter sido um obsedado, perseguido, humilhado ou traído, como também pode ter sido amado, protegido ou auxiliado pelo seu atual antagonista. É um cobrador antigo, que agora, apresenta-se com mudança de posição e de sentimentos.

No caso obsessivo há sempre um comprometimento, uma vinculação que não conseguiu sobrepor-se aos obstáculos intercalados entre os anseios dos protagonistas, deteriorando-se em sequelas fixadas pela incapacidade de perdoar. O perseguidor, como sempre, é um perseguido intimamente, que adentrou o portal do túmulo em estado de alienação, e através de um mecanismo de transferência, muito comum em todos nós que não cultivamos a autocrítica de nossos atos, caiu na monoideia da vingança, por julgar que toda culpa de sua tragédia deveu-se ao seu opositor. Julga erroneamente que, culminada a vingança planejada e alimentada, será removido da sua mente e de seu coração o fogo abrasador do ódio que o consome, sem dar-se conta de que, caso isso venha a ocorrer, como muitas vezes acontece, advirá de imediato, como colheita sua, a sensação de vazio por ter perseguido por elásticos anos um objetivo malogrado e que culminou em acréscimo de sofrimentos e débitos para si.

Às vezes, o ódio é tamanho, que o obsessor planeja meticulosamente o método mais atroz de vingança, decidindo muitas vezes pela aplicação do suicídio como punição ao seu ofensor. E, após o ato culminado, este lhe escapa sob resgate das falanges socorristas, deixando-o frustrado e em estado desesperador. Começa então o seu suplício, onde o tempo e a dor funcionarão como desejadas brisas na fornalha do descontrole. Seu estado é agravado ainda mais, quando, para seu intento, alia-se a espíritos trevosos, que atribuem a si competência de justificar os infratores do código da vida, sem pesquisar as causas profundas que culminaram na deterioração do relacionamento dos litigantes. Estes, passam a usar o obsedado em suas tarefas doentias, não o libertando para refazer o seu próprio destino. Todavia, o obsessor é apenas um doente e como tal, necessitado de medicamentos e atenção fraternal. Geralmente não é mau. Nada tem contra os circunstantes. Quer apenas, exige, uma reparação naquilo em que se julga vitimado. Essa reparação implica em seu ofensor passar pela mesma dor na qual ele se demora, no que aproveita para lhe atribuir algumas vezes, juros e correções por conta da longa espera e tormentosa guerrilha. Nesse seu intento aplica todos os esforços, minutos, segundos, sem oferecer trégua ou descanso, em atitude introspectiva e determinada de que vingar-se é uma necessidade vital e inadiável para conseguir a paz. Quando alguém se interpõe no cenário da luta, a favor do obsedado, ou de ambos, tentando apaziguar, é tido como inimigo e lançado a campo como alvo de imediatos projéteis que podem ou não provocar danos pessoais, dependendo do processo cármico do invasor. Pois tudo que nos acontece de oneroso, mesmo quando alistados nos exércitos do bem, obedece às diretrizes cármicas a nós atreladas.

Nessa disputa, ele pode sentir os rigores do frio, fome, sede, dores superlativas advindas de sua sintomatologia, passando parte dessa carga letal para aquele a quem subjuga, pois a ele imanta-se em processo de intercâmbio. Seu aspecto diversifica quanto à intensidade do seu ódio, gênero de morte, e em

obediência à sua vontade. No entanto, gosta de mostrar-se tal qual era quando foi prejudicado, para avivar cada vez mais as lembranças e o pavor do seu subjugado. Conhecemos casos em que o obsessivo, havendo praticado o suicídio, apresentava-se sempre ao seu oponente com um punhal encravado na garganta. Outros, havendo sido escravos, mostravam-se sempre com estigmas generalizados, perpetrados outrora por aquele a quem persegue. Alguns tomam aparência de demônios, portando chifres, chicotes, tridentes e instrumental de flagelação.

Tudo é válido para ele, desde que aumente o medo, descontrole e prejudique ao ser odiado.

Os pedidos de trégua, perdão, as citações evangélicas e preces, de imediato não lhe vencem a couraça de aparência invulnerável. A dor paga-se com a dor. É a sua maneira de decidir. No entanto, a conversação afetuosa e a sinceridade de propósitos, terminam por convencê-lo na grande maioria das vezes, de que não somos seus inimigos, mas companheiros de caminhada de quem podem dispor em seu infortúnio.

Temos espaço então para um retorno aos eventos passados, onde a posição de vítima se dilui, mediante atitudes assumidas por ele, caracterizando-o como similar ao seu oponente, o que lhe subtrai as reclamadas credenciais para atirar pedras em seus irmãos de infortúnio. E então que se identifica a seu inimigo no campo das necessidades comuns de paz e renovação. Entende que nada fica impune, pois a consciência e a vida se encarregam das cobranças, sem a necessidade de juízes em causa própria. Basta apenas viver.

Segue então aos hospitais-escolas do plano espiritual, onde planejamentos futuros o aguardam, para que sua capacidade de aceitação se fortaleça e o inscreva na lista dos vitoriosos sobre si mesmos nos séculos futuros.

O Obsedado

"Pode-se por si mesmo, afastar os maus Espíritos e se libertar de sua dominação?"

— Pode-se sempre sacudir um jugo, quando se tem vontade firme.

Livro dos Espíritos: **475**

"A Prece é um meio eficaz para curar a obsessão?"

— A prece é um poderoso socorro em tudo; mas, crede bem, não basta murmurar algumas palavras para obter o que se deseja. Deus assiste àqueles que agem e não àqueles que se limitam a pedir. É necessário, pois, que o obsedado faça, a seu turno, aquilo que é necessário para destruir, em si mesmo, a causa que atrai os maus espíritos."

Livro dos Espíritos: **479**

Obedecendo à lei da sementeira e da colheita, o obsedado é alguém que precisa ceifar aquilo outrora cultivado, para ter paz consigo mesmo. Pois, mesmo que aquele a quem hája prejudicado, o tenha perdoado, ele precisa perdoar a si próprio, pelo desatino perpetrado. Como essa lei converge a um mesmo cenário cobrador e devedor, o que outrora feriu pode estar consciente de que, a qualquer

tempo, no mundo espiritual ou material, mesmo que ele mude de sexo, cor, religião ou país, as promissórias chegarão às suas mãos, em aviso de que o resgate é iminente e intransferível. Isso ocorre porque, ao reencarnar, o devedor traz em seu perispírito matrizes vigorosas que o identificam, espécie de marca registrada, carimbo personalizado, perfeitamente reconhecível por aquele que o busca em condições bélicas. Muitos não identificam de imediato o seu antigo desafeto, devido à mudança de sexo, ou por ser ainda adolescente, ter outras feições, outra linguagem... etc, mas ligam-se a ele através de uma antipatia, um ódio que não entendem, e tudo fazem para prejudicá-lo. É assim que, burlar a lei se torna impossível, tanto quanto distorcê-la a seu proveito.

Ocorre que, nos planos divinos as portas de saída para a misericórdia são inúmeras e facultado é que, aquele que deve, possa escolher a moeda vigente nos planos da vida para tais pagamentos: o amor ou a dor. Pelo amor, borracha dos pecados, ele distribuirá com seus irmãos os talentos de que é portador (e se não é, que trate de conquistá-los) tais como: a fraternidade, a solidariedade, a paciência, a tolerância e outros, não renunciando às oportunidades de serviço, que funcionarão como moedas para quitação de suas promissórias. Através da sua atuação caridosa, seus contrários não encontrarão receptividade, sintonia ou motivos para prolongarem uma guerra sem oponentes. Como brigar diante da recusa não acovardada do outro? Essa recusa é dinâmica, pois em verdade é um combate com armas mais poderosas pois o amor e o perdão são artefatos perfeitos para a bomba da paz. Havendo-se negado o pagamento pelo amor, a vida impõe ao espírito negligente, enérgico cobrador para que lhe dobre a cerviz. É então que o seu lar é invadido por figuras estranhas e hostis do mundo espiritual, que, de dedos em riste, armas em punho, emissores de petardos comburentes de ódio, modificam o panorama, expulsando a paz andrajosa que ali se internara. Acompanham-no no resgate, aqueles que lhe partilham a convivência, provavelmente outrora co-autores ou co-participantes em sua ação infeliz, a qual concorre hoje para a sua punição. As vezes, um obsedado é fator de angústia, depressão e medo não somente aos seus familiares, mas aos vizinhos, ao bairro ou à área maior de atuação do mesmo. Lembremos os endemoninhados que moravam em um cemitério e impunham pavor a toda a região circunvizinha, segundo a citação evangélica.

É tolice pensar que, após vinte ou trinta anos de exercício mediúnico ou não, nas fileiras espíritas, estamos vacinados ou imunizados contra as obsessões. Como afirma André Luiz, em uma viagem de cem quilômetros, muita coisa pode ocorrer nos últimos metros. Sendo nosso pensamento indutor para o bem ou para o mal, o nosso pensar nos capacita, independente de condição e tempo, à inscrição na contabilidade divina como credores ou endividados.

O trabalho assistencial e meritório do centro espírita, quando o voluntário é assíduo e disciplinado, o fortalece para os embates, bem como os amigos

espirituais funcionam como guarda-costas no tocante às investidas das trevas. Isso tudo obedecendo a sua ficha cármica, pois suas dores e necessidades reparatórias não lhe serão subtraídas. Dívida é dívida, e como tal reclama pagamento. Sem a proteção do trabalho, o devedor está a descoberto e somente forte suporte moral amenizará seus sofrimentos. Caso não haja esse respaldo, se o mesmo for objeto de desregramentos, haverá um gasto excessivo de energia vital, com conseqüente queda vibratória, sendo a sintonia com entidades vingativas facilitada, generalizando-se a obsessão. Aí então somente Deus, prove'dor de bênçãos e alívio, pode ampará-lo e fortalecê-lo para o embate...

Obsessão Simples

"A obsessão é quase sempre a ação vingativa de um Espírito, e na maioria da vezes tem sua origem nas relações do obsedado com o obsessor, em existência passada." (cap. XXVIII: item **81**)

"Assim como as doenças são o resultado das imperfeições físicas, o que toma o corpo acessível às influências perniciosas do exterior, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral, que dá acesso a um mau espírito." (cap. XXVIII: item **81**)

Evangelho Segundo o Espiritismo

Segundo Kardec, a obsessão é a ação persistente de um mau espírito sobre uma pessoa. Apresenta características muito diversas, desde a simples influência de ordem moral sem sinais exteriores perceptíveis, até a completa perturbação do organismo e das faculdades mentais. Ora, essa simples influência de ordem moral é o início da obsessão simples, de que são objetos quase todos os habitantes destas plagas terrestres. Modelando essés cenários aglutinantes no mundo físico e extra-físico está a mente, sede de nossas aspirações, que determina nossos tipos de amizades ou antipatias, imantando-nos aos afins e aos antípodas em relações harmônicas e desarmônicas, passageiras ou demoradas.

A mente disciplinada, adornada pelas virtudes básicas, apesar de não estar imune às investidas trevosas, possui sustentáculos de defesa que geralmente lhe resguarda a integridade. A mente ociosa candidata-se a hospedar visitantes hostis, forçando-a à luta para expulsá-los, no que é impelida ao trabalho renovador, a favor de si mesmo. O visitante então, terá sido mestre, e a dor a lição ministrada, passado o curso a que se habilitaram os protagonistas.

É sabido que, pelas horas vazias, as trevas nos visitam, sondando o ponto vulnerável de nossa conduta, para centralizar o fogo cerrado longe do impacto defensivo. No trabalho regenerador, nossa mente estando ocupada e preenchida pelas ideias a ele atinentes, não oferece campo a que seja dominada, por uma outra mente, ou ceda terreno a bombardeios de ideias inferiores. É assim que, desguarnecida a mente dos valores éticos da vida, formadores de trincheiras contra as investidas habituais dos irmãos inferiores, o viajante despercebido quanto aos perigos da caminhada, toma-se presa fácil do assédio e aprisionamento, onde a trégua e o descanso são escassos, nem sequer cogitados por seus algozes.

A princípio, a mente desguarnecida recebe ideias, que confunde com suas próprias, pois o seu invasor estudou-lhe os pontos frágeis e suas preferências, sendo a sua atuação facilitada pela debilidade da autocrítica do invadido. Segue-se a persistência da ideia, em trabalho contínuo, na certeza de que, assim como alguém que, não gostando de uma música, de tanto ouvi-la, passa a aceitá-la e, às vezes, até a cantarolar suas notas em regime de absorção, suas débeis defesas serão rompidas e o campo ficará aberto ao domínio. A mente invigilante termina por aceitar e incorporar a ideia obsidiante, como também a lhe vitalizar, amoldando-a a seu desorganizado conjunto de pensamentos, onde o otimismo, o ânimo e a coragem não se fazem presentes.

Começa então o intercâmbio psíquico, pois ao aceitar a indução, o invigilante forneceu uma tomada a que o invasor se Jiga, recebendo energia vital, ao mesmo tempo que devolve energias deletérias em processo de duplo prejuízo para o hospedeiro. A ligação do invasor com o oprimido, no processo de ganhar cada vez mais domínio, aprofunda a ideia imposta, facultando aberturas no inconsciente, onde velhos diques, portadores de dramas angustiosos, medos, culpas, depressões, se rompem, desaguando no inconsciente, misturando-se às sensações do momento. O obsessor trata de acomodar tais informações do inconsciente às situações vigentes, implantando um processo de aceitação do quadro, ampliando sua área de domínio, podendo, nesse duelo de mentes, impor o rumo perigoso da monoideia, que ao cabo de algum tempo, poderá caracterizar uma fascinação de difícil retomo.

Pode-se pensar que, não sendo o obsessor dotado de recursos intelectuais, não possa promover tais quadros através de sua ação intelectual. Ora, não desprezemos a atuação do pensar. A simples onda de pensamento odiento do obsessor, ritmado, incessante, desatreia as comportas mentais, cujas defesas eram mínimas. Mesmo à sua revelia, o quadro se delineia, ainda que a sua regência seja apenas o ódio cáustico. Aqui o duelo não é na área do intelecto, mas sim no campo das emoções. Lembramos que o obsessor reconhece as matrizes vibratórias contidas no perispírito de sua vítima, que imprime a este uma queda no tom vibratório específico, permitindo que os envolvidos na tragédia, se aproximem e se vinculem pelo processo da sintonia automática e inevitável, caso a invigilância perdure como quase sempre ocorre.

Essas matrizes facultam a assimilação da ideia obsidiante, do que não se pode furtar a vítima, por estar em sintonia com o seu algoz. Mesmo os espíritos desconhecedores dessa vinculação imposta pelas matrizes, são atraídos pelos condicionamentos da consciência culpada que não se perdoa, trazendo a si os personagens do drama vivenciado, através de suas emanções psíquicas que altera a psicofera ambiente, assimilada pelo devedor, tomando-o debilitado e submisso.

Fugir? Para onde? Em que direção? Se o mesmo já nasce com as marcas identificativas em seu perispírito, as quais atestam a culpabilidade de sua ação,

tomando-o, muitas vezes, alienado.

Instalada a ideia, instala-se o seu criador, pois onde está o pensamento, está também o espírito que o gerou. Que faz um homem quando penetrou na casa desguarnecida de outro a quem odeia e a quem quer prejudicar? Fácil deduzir que ele quebraria os móveis, danificaria os sistemas elétricos, hidráulicos, sanitários... etc. No caso, o procedimento é similar, pois o espírito invasor produz um clima geral de desânimo, inquietação e desconfiança, gerando a insegurança pessoal e enfermidades várias, aprofundando-o em crescente perturbação interior. O obsedado agora, cercado por fluidos perniciosos, ressentido de adensar da psicofera reinante que o asfixia, sem dar-se conta de que leituras edificantes, trabalho voluntário e oração, seriam as armas usadas em tal atmosfera, se não houvesse permitido ao seu antagonista, de início, subtraí-las preventivamente como medida reacionária. Sem forças de reação e obedecendo a sua constituição temperamental apática ou excitada, toma-se melancólico, depressivo, atormentado, em virtude das ideias infelizes que se faz receptáculo, como também pelo afloramento das cenas pessimistas advindas do inconsciente, ou toma-se agressivo, violento, explosivo, quando anteriormente, diante de situações idênticas, as superava sem incômodo.

Essa diversidade de comportamento, submetendo-o a aclives e declives, não lhe permitindo a horizontalidade nas atitudes, termina por danificar seu sistema nervoso, refletindo-se em sequelas físicas e psíquicas, pela continuada exposição do mesmo ao desgaste provindo de sua instabilidade emocional.

Á essa altura a obsessão está instalada e bem evidente se toma nas atitudes daquele que lhe sofre a constrição, evidenciada por comportamentos contraditórios, ou seja: depressão e excitação, equilíbrio e distonia, normalidade e excentricidade, censura e omissão da mesma, aproximação e afastamento dos seus.

Dessa neurose inicial, caso não haja o abençoado concurso dos bons espíritos, o irmão invigilante poderá deixar aprofundar-se o processo obsessivo.

A Fascinação

"A vingança é um sentimento tanto mais funesto, quanto a falsidade e a vileza são suas companheiras assíduas. Com efeito, aquele que se entrega a essa paixão cega e fatal quase nunca se vinga às claras. Quando é mais forte, precipita-se como uma fera sobre o que considera seu inimigo, pois basta vê-lo para que se inflamem a sua paixão, a sua cólera e o seu ódio. No mais das vezes, porém, assume uma atitude hipócrita, dissimulando no mais profundo do seu coração os maus sentimentos que o animam. Toma, então, caminhos escuros, seguindo o inimigo na sombra, sem que este desconfie, e aguarda o momento propício para feri-lo sem perigo. Ocultando-se, vigia-o sem cessar, prepara-lhe ciladas odiosas, e quando surgè a ocasião, derrama-lhe o veneno na taça."

Evangelho Segundo o Espiritismo (Cap. XII: item 9)

A fascinação é um produto da ampliação do domínio do invasor na casa mental do invadido. Através da fragilidade moral e mental encontradas e do ressurgir de fatos passados trazidos à tona sob o seu comando, bem como com o espicaçar das atitudes menos dignas, o obsessor estabelece um quadro peculiar, onde o nível de censura, discernimento, noção do ridículo e humor sofrem variações comprometedoras, tidas como perfeitamente lógicas pelo fascinado. Ocorrem atitudes bizarras, tais como assumir uma personalidade com facetas místicas, autodenominar-se missionário, tomar-se fanático, cultuar uma filosofia inócua, isolar-se, atitudes que, em verdade, objetivam um afastamento do fascinado de tudo e todos que possam auxiliá-lo em seu retomo à normalidade.

O espírito invasor, nesse caso, dirige sua vítima como um cego, podendo levá-lo a aceitar as doutrinas mais absurdas e as teorias mais falsas, como sendo as únicas expressões da verdade. Além disso, pode arrastá-lo a ações ridículas, comprometedoras e até mesmo bastante perigosas.

Em alguns casos de fascinação, o convencimento do fascinado de que foi ludibriado, favorece a regressão do quadro para uma obsessão simples com conseqüente libertação. Mas isso, às vezes, é difícil devido a dois pontos capitais. Quando existe uma ascendência demasiada do espírito invasor sobre o fascinado, e em outros casos, a falta de humildade do obsedado em reconhecer-se logrado que é exacerbada pela ação do hóspede indesejável.

A maioria dos fascinados se insurge contra seus conselheiros, rebatendo-lhes as críticas e tomando-as como inveja pelos seus sucessos no campo intelectual.

Frustram-se, assim, muitas tentativas de auxílio ao fascinado,— que pela sua rebeldia em reconhecer-se enganado e manipulado, cego conduzido por cego — tido como irrecuperável, pois, na verdade, é muito difícil auxiliar, com êxito, a quem se nega à oportunidade de recuperação.

A Subjugação

"Pode-se pois ter inimigos entre encarnados e os desencarnados. Os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência pelas obsessões e subjugações, a que tantas pessoas estão expostas, e que representam uma variedade das provas da vida."

(cap. XII: item-6) Evangelho Segundo o Espiritismo

- "... E um da multidão disse: Mestre trouxe-te o meu filho que é possesso de um espirito mudo; E onde quer que o apanha, despedaça-o, e ele espuma, e range os dentes, e vai-se secando; e eu disse a teus discípulos que o expulsassem e não puderam."

Novo Testamento (Marcos 9:18)

A subjugação é a etapa final do processo obsessivo. Combate decisivo, onde o mais forte se sobrepõe ao mais frágil, dominando-o e impondo o império do seu querer.

A ascensão gradativa do obsessor impele o obsedado a aproximar-se cada vez mais

da loucura, bastando muitas vezes um último empurrão, um forte impulso, desarticulando de vez as engrenagens mentais que são tomadas de assalto pelo domínio vigoroso que se impõe. Victor Hugo conta-nos que o choque sentido por Roberto Domênico (em estado de fascinação) ao ver o seu genitor morto pelo comparsa que escolhera, produziu sintonia tão perfeita e tão imediata dominação psíquica, que o infeliz caiu naquele exato momento em subjugação pertinaz.

As armas dessa guerra são as mais variáveis, indo desde a instalação de um quadro pessimista, por parte do algoz, que o complementa com vibrações nocivas, desarticulando as reservas físicas e facilitando a invasão de vasto espectro de micróbios, até a vampirização, na qual parasita e hospedeiro se imantam, em vinculação violenta que, caso não se desarticule, fatalmente levará o hospedeiro ao desencarne. Essa parasitose intensifica-se, quando a onda mental do obsessor é acolhida e incorporada aos pensamentos próprios do obsedado, o qual aliena-se em fixações do pensamento, criando para si um mundo isolado, onde a razão e o discernimento encontram-se no controle do obsessor. Senhor absoluto da situação, o obsessor absorve fluidos, vitais do obsedado, que, em atitude passiva, deixa-se desvitalizar.

Acontece que essa proximidade perispiritual e esse intercâmbio fluídico, embora prejudiciais ao obsedado, produzem em ambos uma intimidade emocional onde se estabelece uma transferência de sintomas e de sensações, em regime de interdependência, tomando os conflitos partilhados.

Conversando certa feita com uma imã desencarnada em atitude vingativa, e que perseguia uma outra encarnada; (após deixá-la sem alimentar-se alguns dias, notou que estava respirando o seu clima orgânico e que debilitando-a era debilitar-se igualmente), no que nos disse: — "agora vou deixar que ela coma um pouquinho, porque já estou sentindo muita fome". — É a certeza de que o mal que fazemos a outrem, fazemos a nós mesmos. Isso funciona às vezes, como uma desaceleração no processo, pois as repercussões da agressão do obsessor igualmente lhe causam mal-estar. Contudo, sentindo-se como se fosse humanizado novamente pelo acúmulo do fluido vital drenado a seu favor, o obsessor usurpa em definitivo o domínio físico de sua vítima, caminhando a largos passos para um desfecho onde não existem vencedores.

Vejam um caso bastante ilustrativo, trazido à luz por Philomeno de Miranda, em seu livro: *Paineis da Obsessão*, que assim narra: "A princípio, advinha-lhe o desejo de um cigarro inocente ou de um aperitivo sem consequência, para depois instalar-se-lhe uma volúpia obsessiva pelo tabagismo e pelo alcoolismo em altas doses, que lhe sacrificam o organismo, em si mesmo bastante enfraquecido. Simultaneamente, caiu nas armadilhas brutais do sexo sem amor, completando-se o quadro de um autocídio a longo prazo, com que se compraziam os inditosos verdugos da sua paz. Os seus algozes, conhecendo algumas técnicas de subjugação e, de certo modo, identificando-lhe as preferências no comportamento moral, na

existência anterior, em face das tendências atuais, passaram a obsidiá-la fisicamente, despertando-lhe insofreável prazer pelo fumo e pelo álcool, conforme referido, ao tempo em que lhe comprimindo a genitália e em especial os ovários, desequilibraram-lhe a função sexual, mediante cujo recurso lhe anularam as poucas resistências morais e abrindo campo para a instalação da enfermidade que a consome. Na alucinada vingança, Francis, perturbado pelo misto do ódio e assimilando as descargas das sensações que a vítima experimentava na usança do sexo em desconcerto, em face da sua ligação continuada, a pouco e pouco foi-se-lhe alojando na madre, sofrendo, inconsciente, um processo de transformação perispiritual como sói acontecer nos mecanismos da reencarnação. De certo modo, o ser obsidiante termina, pela insânia que cultiva, sendo vítima das ciladas e sofrendo-lhe os efeitos. Nesse comenos, a nossa Ruth Maria engravidou e, como é óbvio, aí temos o perseguidor-mor atado à perseguida".

Neste caso a tragédia foi amenizada pelas leis soberanas da caridade, no exercício de sempre oferecer novas oportunidades de soerguimento. Mas de outras vezes, o desenlace pode ser fatal, havendo a separação de ambos pelo desencarne.

O obsessor, pelo excesso de fluido vital próprio do encarnado, que o toma semelhante a um pós-desencarnado ainda vitalizado, é impelido ao basta da providência divina, para as necessárias reflexões sobre sua tenaz atuação. E então bloqueado em suas ações, tolhido por sono demorado, onde a vitalidade usurpada se diluirá. O obsedado, pela falta de fluido vital, que põe em falência seus mecanismos fisiológicos, segue para morte.

Diante do exposto, vale lembrar, que antes de qualquer oferta depositada no altar sacrossanto dos nossos sentimentos, devemos tirar a mágoa daquele que, invigilante, a creditou a nossa conta, e seguir pelos caminhos do mundo, tal qual pétala caída no tapete aveludado da natureza, que valoriza o silêncio sem haver-se omitido, e o perdão sem tomar-se comprometido.

A Obsessão Pós-desencarne

"Conserta-te sem demora com o teu adversário, enquanto estás a caminho com ele, para que não suceda que ele te entregue ao juiz, e que o juiz te entregue ao ministro, e sejas mandado para a cadeia. Em verdade te digo que não sairás de lá, enquanto não pagares o último ceutil."(Mateus V:25-26)

Evangelho Segundo o Espiritismo (cap. X: item 5)

"Como fazem os maus espíritos para tentarem os outros espíritos visto que não têm o socorro das paixões?"

—Se as paixões não existem materialmente, elas existem ainda no pensamento dos espíritos atrasados. Os maus mantêm esses pensamentos, arrastando suas vítimas para os lugares onde elas têm o espetáculo dessas paixões e tudo o que as pode excitar."

Livro dos Espíritos: 972

Obsessões há, que não havendo ponto final em seu processo enquanto o

obsedado está encarnado, continuam mais acirradas no plano espiritual. Esse tipo de obsessão é ainda mais rigoroso, pois o perseguido não dispõe mais do esconderijo da carne, que lhe oferece pausa para descanso. Culminam em verdadeiros embates, perseguições cruéis, flagelações, encarceramento em fumas infectadas, julgamentos sumários, processos hipnóticos indutores de zoantropia, e mil outros métodos engendrados por espíritos perversos que se autodenominam justiceiros.

Em muitos casos, o obsessor filia-se a uma agremiação trevosa, que após estudar antecedentes e consequentes do processo em pauta, traça diretrizes a serem cumpridas pelo obsessor, visando um apressamento do desencarne do obsedado, ocasião em que o aguardam para complementação da vingança, julgando-o e condenando-o a severos castigos. Através de processos hipnóticos, levam o réu a deformações perispirituais, induzindo-o a formas animais, perdurando esta situação por largo período, até que seja recolhido, chegando às reuniões desobsessivas rosnando e arranhando a mesa como animal. Fácil é reconhecê-lo, pois não consegue pronunciar palavras. Os dedos curvados em formas de garras e o seu rosnar dizem de sua condição. As vezes, tentam nos agredir, no que são contidos pela palavra enérgica, mas amorosa do dirigente.

É comum espíritos perversos subjuguem outros, colocando-os a seu serviço. Quando esses subjugados são surpreendidos e levados a reuniões desobsessivas, temem o retomo a seu mandante, pois, mediante o fracasso, sabem que serão torturados. Outros nos chegam cansados, forçando o médium a absorver o ar a longos haustos, dizendo-se vítimas de perseguições ultrizes, no que seus inimigos ficam a esperá-los fora do cordão de isolamento do centro.

Em seu romance "Párias em Redenção", Victor Hugo, através da psicografia de Divaldo Franco, relata-nos o drama de Girólamo, que assassina seus familiares para usufruir de herança que passa a pertencer-lhe. Em processo de subjugação, seu padasto (Duque Di Bicei) aliado a outra jovem também assassinada por Girólamo, levam-no ao suicídio, e após a ação dos vorazes vampiros sugadores do seu fluido vital, e do sofrimento atroz de decomposição celular, onde sentia o picar de milhares de vermes rasgar-lhe a intimidade, surge em sua frente ameaçador, tomando a palavra o duque. — "Somos teus atuais juízes. Serás julgado e punido. Ainda não começaram teus sofrimentos. Acorda para pagar!" Algum tempo depois, quando os laços perispirituais se afrouxaram sob o açodar de dores acerbadas, o duque apareceu com estranho grupo, que após demorada e complexa operação desligou os últimos liames perispirituais e tomando de uma corda atou-lhe as mãos, levando-o prisioneiro. Quando o desgraçado despertou estava num cárcere muito semelhante aos da Terra, onde ouvia ladridos de cães misturados a gritos de desespero de prisioneiros, sob o som da chibata em seus dorsos. Por fim, abriram a porta da cela e dois guardas arrancaram-no, açoitando-o, e o fizeram rastejar até o lugar do julgamento naquele dia. O

primeiro a apresentar-se foi o duque, que o acusou de todos os seus nefastos crimes. Após o julgamento ergueu-se o magistrado e bradou: — "Prisão perpétua! que seja entregue ao prejudicado maior para que este o suplicie". Munido de relho longo e cortante, o duque acercou-se e, segurando o desgraçado, aplicou-lhe, ali mesmo no tribunal, as primeiras sevícias.

Como vemos, nada há de mal que se tenha praticado, que não surja à tona em forma de recuperação, neste ou noutro mundo, constituindo-se na retidão do carácter o passaporte para o país onde a dor é mais amena, pois em nosso estágio dores sempre haverão.

A Obsessão em Crianças

O Novo Testamento

"E trouxeram-lho; e quando o viu, logo o espírito o agitou com violência e, caindo por terra revolvia-se espumando. E perguntou ao pai dele: Quanto tempo há que lhe sucede isto? E ele disse-lhe: Desde a infância." (Marcos IX:20)

(cap. V - item 19) O Evangelho Segundo o Espiritismo

"Vossa terra é por acaso um lugar de alegrias, um paraíso de delícias? A voz do profeta não soa ainda nos vossos ouvidos? Não clamou ele que haveria choro e ranger de dentes para os que nascessem nesse vale de dores?"

Dizem alguns espíritas, que até os setes anos, quando a encarnação se completa, a criança não é assediada por obsessores em virtude de uma proteção ostensiva do seu anjo guardião e demais espíritos fiadores do seu regresso à carne. Essa afirmativa, embora respeitável, é destituída de autenticidade, pois farta é a literatura espírita que esclarece casos intrincados de obsessão, onde as agressões não cessam, transferindo-se do além túmulo à esfera carnal, em perseguição encarnizada, sem sofrer solução de continuidade. Bezerra de Menezes, relata-nos em seu livro, Dramas da Obsessão, psicografado por Ivonne A. Pereira, que Leonel, antigo inquisidor de Portugal reencarnado no Brasil, desde a mais tenra idade, quando a criança é graciosa e gentil, sofria anormalidades morais e psíquicas impostas por seus obsessores. Era assaltado continuamente por crises depressivas, com violentas dores-de-cabeça, que o arrastavam ao desespero, impróprio para uma criança. Revoltava-se contra o médico e recusava-se a ingerir as drogas receitais, quando colérico e de olhos injetados de sangue o expulsava, escondendo-se debaixo das camas, ou sofás, desfeito em choro histérico ou presa de gargalhadas suspeitas, escandalizando aos circunstantes. De outras vezes, verdadeiramente possesso pelas entidades trevosas, quebrava os consolos e aparadores de sua mãe, bem como as porcelanas dos armários, espelhos, vidraças. E tantos eram os seus desatinos, que seu pai saía à rua, às vezes a horas adiantadas da noite, receoso de esbordoá-lo e jnatá-lo sob o peso de sua cólera. Após tais procedimentos, caía em prostração surpreendente, abatido e sonolento, para avançar pela noite a dentro, presa de pesadelos terríveis, durante os quais se sentia envolvido em chamas, no centro de uma fogueira imensa, ou encarcerado em

prisões infectas, torturado por azorragues e mil e outras impressões que a custo se dissipavam.

Victor Hugo, em seu livro, *Árdua Ascensão*-, psicografado por Divaldo Franco, relata o drama de Roberto, personagem da revolução francesa em reencarne no Brasil. "Um novo calvário se erguia naquele humilde lar, porque o recém-nascido, além da anomalia física que o deformava, padecia a sanha dos inimigos desencarnados que o afligiam, numa programação bem urdida para interromper-lhe a reencarnação. Armindo quando visitou o sobrinho debilitado, deixou-se tomar por imensa compaixão, percebendo o grupo de espíritos hostis, que o agrediam fortemente, como desforço insano pelos sofrimentos antigos que experimentaram... Desde a chegada do pequeno Roberto, a mãezinha experimentou o transe da psicose-puerperal, segundo a diagnose médica, não sendo outra a enfermidade, senão o resultado do assalto dos vingadores que a atingiram, antes do parto, desencadeando o desequilíbrio na parte emocional, graças a disfunção orgânica. De quando em quando, era tomada pela ideia de estrangular o filhinho, o que não consumava, porque sem a perda total da razão, buscava, na prece, o reconforto, saindo com a criança em direção ao lar dos irmãos...

Armindo dedicava largas horas de assistência carinhosa ao sobrinho limitado, conversando com ele, que chorava quase sem cessar, indiretamente falando aos impiedosos algozes, que o martirizavam. Nessas oportunidades, pelo fenômeno de ideoplastia, captava as cenas hediondas que lhe projetavam os desencarnados que, de Roberto, sofreram a sanha homicida, experimentando verdadeiro horror ante os quadros que presenciava... Armindo observava como os verdugos agrediam o espírito em processo reencarnatório, chibateando-o, usando chuços pontiagudos que produziam dores a refletir-se no corpo frágil como estertor ou convulsão."

A obsessão é fenômeno de profunda reflexão, de origem em nossos desregramentos, sendo que somente o amor, a renúncia, a caridade sem máculas poderá amenizá-lo, reconduzindo artistas e cenários de dramas pungentes à paz 'que perseguem através de largas portas, quando somente a estreiteza do caminho apontado por Jesus poderá construí-la.

A Obsessão nos Médiums

"Qual a maior necessidade do médium?

->á Emmanuel: — A primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo antes de se entregar às grandes tarefas doutrinárias, pois, de outro modo poderá esbarrar sempre com o fantasma do personalismo, em detrimento de sua missão."

Série Informação Espírita nº 4: pergunta 5

"Qual a solução mais simples ao problema obsessivo?

— Consagremo-nos à construção do bem de todos, cada dia e cada hora, porquanto caminhar entre espíritos nobres ou desequilibrados, será sempre questão de escolha e sintonia."

(Emmanuel)

Série Informação Espírita nº 5: pergunta 13

Segundo Kardec, em O Livro dos Médiuns, reconhece-se a obsessão pelas seguintes características:

- 1) Insistência de uip espírito em comunicar-se, queira ou não o médium, pela escrita, pela audição, pela tipologia etc, opondo-se a que outros espíritos o façam.
- 2) Ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações recebidas.
- 3) Crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem falsidades ou absurdos.
- 4) Aceitação pelo médium dos elogios que lhe fazem os espíritos que se comunicam por seu intermédio
- 5) Disposição para se afastar das pessoas que podem esclarecê-lo.
- 6) Levar a mal a crítica das comunicações que recebe.
- 7) Necessidade incessante e inoportuna de escrever.
- 8) Qualquer forma de constrangimento físico, dominando-lhe a vontade e forçando-o a agir ou falar sem querer.
- 9) Ruídos e transtornos contínuos em redor do médium, causados por ele ou tendo-o por alvo.

O médium é considerado obsedado, em obsessão simples, quando um espírito lhe barra as comunicações e se apropria do canal mediúnico, o qual somente ele usa, apesar dos esforços contrários na desobstrução da via. O espírito nesse tipo de obsessão não é considerado um mistificador, pois não se mascara sob outra personalidade, nem esconde seu intento em dificultar a transferência do canal mediúnico a outros ocupantes. Esse tipo de obsessão é de mais fácil tratamento, pois o médium filiado a um centro espírita, estará na condição do doente que já se encontra no hospital com o aparato médico a seu favor. Outrossim, os amigos espirituais, agindo em nome da caridade e da necessidade de transformar aquele trabalhador em peça útil às engrenagens do centro, muito concorrem na retirada do incômodo ocupante, secundado pelo esforço de quem de direito, o obsedado.

O médium deve portar-se neste caso, segundo AUan Kardec, provando ao espírito que não foi nem será enganado por ele e cansando-lhe a paciência, mostrando-se mais paciente do que ele. Esses dois métodos o farão certamente afastar-se, pois ninguém gosta de ficar em um lugar onde não é escutado. Paralelamente, a prece e o apelo aos bons espíritos fortalecem o clima da vitória, às vezes, demorada.

Fascinação

Igualmente no processo descrito anteriormente, a fascinação é o ato contínuo à obsessão simples. Reveste-se de uma maior gravidade, pois o obsessor cria uma espécie de ilusão no pensamento do médium, desvinculando-o da autocrítica

atinente às suas comunicações. Essa ausência de observar-se, o induz ao pensamento de não estar equivocado em suas mensagens, creditando às mesmas uma fidelidade absoluta, ainda quando portadoras de disparates ostensivos ao bom senso. Na fascinação, o espírito procura impor o seu pensamento, que acaba por dominar o pensamento do médium, por sua vez ausente da vigilância rigorosa, que afasta a credibilidade gratuita, em excesso de confiança a quem se não conhece. O provar se o espírito veio de Deus não é aí observado, ou por temor em ofender o comunicante, ou por ignorância do terreno onde pisa. Impressionável com nomes pomposos ou venerados, com teorias fantasiosas, o médium torna-se dócil instrumento em mãos hábeis, nomeando-se porta-voz de fonte estagnada, poluindo e poluindo-se movido a cordões mentais qual marionete. Em *O Livro dos Médiuns*, Kardec escreve: ..."Na fascinação, o espírito para chegar a tais fins deve ser esperto, ardiloso e profundamente hipócrita. Porque ele só pode enganar e se impor usando máscara e uma falsa aparência de virtude. As palavras como caridade, humildade e amor a Deus servem- -lhe de carta de fiança. Mas através de tudo isso deixa passar os sinais de sua inferioridade, que só o fascinado não percebe."

A fascinação é, portanto, a etapa mais sutil do processo obsessivo, visto que na fase simples o trabalho foi mais árduo, braçal, por assim dizer. E como alguém que tenta domar um cavalo selvagem e para tal, planeja fazê-lo em três fases. Conseguir manter-se firme em seu dorso, impor sua vontade à do animal direcionando-o, e cavalgar com segurança. Temos acima descrito, a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.

Na fascinação o espírito se deixa dominar, entregando- -se a um hipnotizador que ditará roteiros a serem seguidos de maneira criteriosa, pondo-se em atitude agressiva, caso alguém tente fazê-lo desobedecer. Este, que se cuide, pois terá contra si, fascinado e fascinador exigindo-lhe o afastamento sob pena de agressões mais severas.

A Subjugação

Segundo Kardec, a subjugação pode ser moral e física. No caso moral, tudo ocorre como se o médium estivesse fascinado, não exercendo análise sobre suas atitudes.

Na subjugação física, o espírito subjugador age sobre os órgãos materiais do subjugado, provocando manias, trejeitos, esgares, tiques nervosos e permanentes estados de irritação. No médium escrevente, produz uma necessidade imperiosa de escrever a qualquer hora, ou em qualquer lugar, mesmo usando instrumentos outros que não a caneta, em paredes, portas e outros locais inadequados. Segundo Kardec, um homem vítima de uma obsessão, era constrangido por uma força irresistível a cair de joelhos diante de uma jovem que não lhe interessava e pedi-la em casamento. De outras vezes, sentia nas costas e nas curvas das pernas uma forte pressão que o obrigava, apesar de sua resistência, a ajoelhar- -se e beijar a

terra nos lugares públicos, diante da multidão. Que se precavenha o médium de tais situações embaraçosas, cumprindo sua missão com dignidade, sabendo que o estudo e o trabalho, a oração e a vigilância são suas defesas contra as obsessões.

A Auto-Obsessão

"Sabeis porque uma vaga tristeza se apodera por vezes de vossos corações e voz faz sentir a vida tão amarga? E o vosso Espírito que aspira a felicidade e à liberdade, mas, ligado ao corpo que lhe serve de prisão, se cansa em vãos esforços para escapar."

(cap. V: item 25)

"A quem portanto, devem todas essas aflições, senão a si mesmos? O homem é, assim, num grande número de casos, o autor de seus próprios infortúnios.

(cap. V: item 4) O Evangelho Segundo o Espiritismo

Por ocasião do desencarne o espírito desperta sob o açoitador das impressões marcantes em sua personalidade, que serão suas diretrizes na nova esfera. Seria de esperar que, frente a uma realidade mais palpável, as noções de imortalidade, reencarnação, ou mesmo causa e efeito, lhe norteassem a mente, o que no entanto não ocorre, pelo não burilamento dos instintos, que o mantêm magnetizado às falsas prioridades, nelas se deleitando, mesmo sem o escafandro carnal. Desse procedimento resulta um estacionamento pernicioso, gerador de ideias fixas que o faz gravitar em torno de suas reminiscências, retomando aos pontos interrompidos de suas ações, sem a necessária força para criar novos condicionamentos, saneando ideias e aprimorando a mente. Se alberga o ódio ou o crime em sua intimidade, os delicados tecidos do seu perispírito, sob descargas emitidas em descontrole emocional, são afetados, I. o que equivale dizer, que a futura forma humana assumida

por tal forma defeituosa, fatalmente sofrerá o impacto, apresentando semelhante anormalidade, refletindo-se em perturbações e neuroses várias, por argamassarem um sistema nervoso deficiente e instável. O reencarnante trará em sua mente perturbada eventos depressivos, coléricos, intercalados por períodos regulares de calma. Será portador de personalidade ciclotímica e comportamento ambíguo, parecendo seguir-lhe impiedoso obsessão. Acompanhar-lhe--á notória dicotomia em suas áreas de ação, como se

carregasse em si, a saúde e a doença, a normalidade e a excentricidade, a unicidade e a ambivalência. Para muitos, a obsessão é clara. E é. Só que ele próprio é o seu obsessão. A sua mente culpada, a exigir-lhe reparação, o induz muitas vezes a uma necessidade de autopunição, de melancolia demorada e às vezes, perda de auto-estima, com elevada probabilidade de suicídio.

O inconsciente profundo, trabalhando continuamente, libera dos arquivos as lembranças marcantes, que uma vez no consciente, provocam mudanças temperamentais bruscas em clima de instabilidade que toma os nervos em

frangalhos. Nessa condição, podem surgir inimigos desencarnados que, aproveitando o campo já minado, detonarão o incêndio de sua vindita, concorrendo na deterioração do quadro. Instado a buscar um psiquiatra, este lhe batizará de nomes tais como hipocondríaco, neurótico, psicótico, esquizofrênico, e receitará barbitúricos, antidepressivos, excitantes, mas paralelamente a isso, ele necessitará também dos cuidados de um centro espírita que complemente o tratamento com preces, passes, água fluidificada e esclarecimentos sobre si mesmo.

Este, o quadro do auto-obsedado, que somente o trabalho redentor a serviço do próximo, atado à fé dinâmica em si e em Deus libertará do seu passado.

TERCEIRA PARTE **Terapia** das Obsessões

Terapia das Obsessões

"Meu Deus, permiti aos bons espíritos me livrarem do espírito malfazejo que se ligou em mim. Se é uma vingança que ele pretende exercer, em consequência dos males que eu teria feito outrora, vós o permitiste, meu Deus, e eu sofro por minha própria culpa. Possa o meu arrependimento me fazer merecedor do vosso perdão e da minha liberdade! Mas, seja qual for o motivo, suplico a vossa misericórdia para ele. Facilita-lhe Senhor, a senda do progresso, de que se desviou pelo pensamento de fazer o mal. Possa eu, de meu lado, retribuindo- -lhe o mal com o bem, encaminhá-lo a melhores sentimentos", (cap. XXVIII: item **82-0** Evangelho Segundo o Espiritismo)

O Grupo Espírita

O grupo de desobsessão deve comportar médiuns adestrados, no estudo e na moral, para que tenha o respaldo dos instrutores espirituais e possa ampliar a sua faixa de atuação, pela procura por parte dos bons espíritos, na resolução de complexos dramas exigentes de uma responsabilidade e segurança confiáveis. Não temos no Espiritismo grupos perfeitos. Mas podemos tomá-los menos imperfeitos a cada dia que passa. Temos grupos em aperfeiçoamento. Esse pensamento deve induzir-nos a uma autocrítica quanto ao nosso trabalho, propiciadora de uma ação capaz de esculpturar o conjunto, nele aparando arestas desagradáveis.

O tom reinante entre os componentes do grupo deve ser a fraternidade, o conhecimento de si próprios, a solidariedade enfim, mesmo frente às questões materiais. Sem esses requisitos, a harmonia do conjunto, propiciadora de uma sintonia de realce, será prejudicada.

Cada componente do grupo deve esforçar-se por manter um equilíbrio interior capaz de, frente às agressões, ameaças ou situações de pungente sofrimento, não

se deixar desequilibrar, o que refletirá na sintonia e enfraquecimento da corrente mantenedora, caso se verifique o desequilíbrio. As reuniões de desobsessão são muitas vezes carregadas de emoções graves, onde o discernimento, a confiança e o amor ao próximo são exigidos como requisitos da própria condição de ajudar. Envolver-se emocionalmente, só pela angulação da caridade, que não toma partido, nem critica com insensatez. Não se curam feridas, colocando-se ácido sobre as chagas do refazimento. Não se combate sombra com sombra, pois a claridade é o objetivo de tais reuniões. Se queremos servir, eduquemo-nos na racionalidade do serviço. Tenhamos elevação de propósitos, conduta moral equilibrada, amor ao estudo e ao trabalho, confiança nos amigos espirituais e fé em Jesus. Adentrar-se pelos caminhos desobsessivos sem tais ferramentas, é como penetrar vasta região agressiva e insalubre sem mapa ou referenciais de retomo. Adotemos o parecer evangélico segundo o qual, auxiliando seremos auxiliados. Amparando seremos igualmente amparados. E doutrinando acabaremos sendo doutrinados. O que mais prejudica o trabalho desobsessivo quando presentes essas virtudes básicas, é a falta de assiduidade, reflexo da não coerente escala das prioridades no dia da reunião. Da presença e atuação do médium depende o atendimento de doentes graves, muitas vezes transportados em macas até o centro por equipes espirituais.

Quando o médium falta, aquele ou aqueles espíritos a ele ligados anteriormente, ficam sem atendimento, ou são submetidos à improvisação com outros médiuns, o que, às vezes, não culmina em sucesso. Retomam em suas macas e ficam a esperar que o médium possa volver ao seu compromisso assumido que, na maioria da vezes, implorou para desempenhar, como resgate de velhos débitos. Seremos bons médiuns ou bons doutrinadores, quando amarmos aquilo que fazemos. Afora isso, tudo o mais é vã conversação e desperdício de tempo.

Desdobramento dos Trabalhos

Citando o nosso caso específico, como doutrinador de um grupo mediúnico, visando melhorar a concentração dos médiuns, introduzimos como exercício de concentração e mentalização, a fixação do pensamento sobre uma paisagem, retratando painéis da natureza, a qual deverá preencher nossos pensamentos enquanto não houver comunicações ostensivas. Por dez minutos, procuramos introduzir na tela mental, a paisagem escolhida, o que fará convergir nossos pensamentos para a mesma, facilitando em muito a sintonia pela não dispersão ou fragmentação de forças mentais. Em muitas dessas ocasiões, os videntes observam a ampliação do quadro pelos espíritos, que igualmente o utilizam como motivo de meditação, e em substituição aos quadros mórbidos a que se entregam os doentes presentes.

Para tais concentrações habituamo-nos a três pontos principais:

a) Afastar do campo mental toda e qualquer preocupação, ideias fixas ou pensamentos de qualquer natureza, desocupando a mente, qual página em branco

pronta para a escrita.

b) Introduzir o objetivo de nossa concentração com cores vivas e detalhes, sentindo inclusive o aroma das paisagens, gotículas, vento, etc.

c) Irradiar para nossos irmãos espirituais, as forças impressas em nosso próprio pensamento, através do motivo mentalizado e vitalizado.

Doamos aquilo que temos. Temos então flores, nuvens, cascatas, pássaros, a figura de Jesus... antes, tínhamos pensamentos dispersos e fragmentados. Uns pensavam em Jesus, outros oravam, outros mentalizavam flores, outros pensavam no lar, nos filhos, e ainda outros percorriam com seus pensamentos durante a reunião, vastos panoramas com eventos vários, em flagrante evasão de forças. Hoje temos força concentrada, convergente, uníssona e direcionada aos irmãos necessitados. O primeiro minuto da reunião é dedicado aos suicidas. Sob os acordes da Ave-Maria, grande batalhadora por esses irmãos, é lida mensagem específica, por nós escolhida (Salmo **23** de Davi) cujo teor impregnado de esperança, confiança e consolo nos emociona em cada reunião.

Disseram-nos os espíritos, que imagem e som da mensagem chegam ao vale dos suicidas, onde aquele minuto é esperado com grande expectativa e emoção. Nosso trabalho com os suicidas é intenso. Iniciou-se quando em **1980** em pequeno livro de vibrações começamos a colocar nomes de suicidas, retirados de jornais, rádios e outras fontes, juntamente com o gênero do suicídio, data e local do mesmo. O livro tem essa função específica. Posteriormente, os espíritos nos levaram durante o sono, a fazer cursos e estágios no Hospital Maria de Nazaré, para adentrar-nos no vale dos suicidas e lá resgatarmos irmãos em condição de saída. Muitas são as homenagens de ex-suicidas que, auxiliados por nosso grupo, voltam-se em agradecimento, em colóquios comoventes e cheios de lições de vida. Lembro-me de um irmão, a quem após praticar o suicídio três encarnações sucessivas, foi permitido nos acompanhar por alguns meses, como exercício de observação e aprendizagem. Averiguou nossas lutas, nossos problemas familiares, profissionais, financeiros, nossa vida religiosa, a perseverança, a fé... e na despedida veio a nos dizer:

—Estou envergonhado. Por muito menos eu me matei! Ajudem-me na minha falta de fé.

O grupo desobsessivo deve ter esse vínculo unindo todos os membros, que é o amor ao trabalho, por isso mesmo integrando-se às demais atividades da casa espírita. Quando vamos dormir, mentalizamos os demais companheiros, oramos e nos colocamos à disposição para o trabalho noturno. E trabalho é o que não falta. São os escravos que se julgam ainda perseguidos, ex-viciados, homicidas arrependidos, crianças abandonadas, evangelização de crianças no nosso querido Vale das Flores... Para esse trabalho noturno, construímos um posto de emergência para onde levamos os enfermos. Para o resgate, dispomos de um grande ônibus e outros veículos, bem como um hospital em grande área florida e verde e uma

equipe disposta, cuja maneira de encarar o que nos espera é o otimismo.

Muitos podem pensar que são fantasias da nossa imaginação criativa. Mas quando nos reunimos e comentamos, nossos sonhos são os mesmos, com riqueza de detalhes, o que é sempre confirmado pelos amigos espirituais. Como educação emocional, processo gerador de um clima de solidariedade em nossos espíritos, o que facilita a educação mediúnica pela prática da teoria estudada, elaboramos calendário de visitas fraternas a leprosários, hospitais e asilos, conscientes de que o exercício mediúnico não se prende às paredes do centro, mas complementa-se pela vivência diária do "estar no mundo sem ser do mundo"; o que mais nos aproxima dos nossos irmãos de infortúnio na vivência da doutrina de Jesus, é a solidariedade humana posta em ação.

Eis o que Kardec espera de nós: amor e instrução.

E o que Jesus inspirou a Kardec, para que a nós delineasse tal diretriz nos abafados caminhos deste mundo.

Doutrinação

"A tarefa se torna mais fácil, quando o obsedado, compreendendo a sua situação, oferece o concurso da sua vontade e das suas preces".

(cap. XXVIII: item **81**-Evangelho Segundo o Espiritismo)

"O depositário da autoridade, de qualquer extensão que esta seja, desde a do senhor sobre o escravo até a do soberano sobre o povo, não deve esquivar-se à responsabilidade de um encarregado de almas, pois responderá pela boa ou má orientação que der".

(cap. XVII: item **9** - Evangelho Segundo o Espiritismo)

Consideramos doutrinação, a conversa com o espírito obsessivo, agindo não como advogado do obsedado, mas, como moderador, atento às duas partes, sem favoritismo ou concessões descabidas. Cita Kardec em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", que para assegurar a libertação do obsedado é preciso convencer o espírito perverso a renunciar aos seus maus intentos; despertar-lhe o arrependimento e o desejo do bem, através de instruções habilmente dirigidas, com a ajuda de evocações particulares, feitas no interesse de sua educação moral. Esta é a função precípua da doutrinação. Ocorre que, quando da interferência dos amigos espirituais nos casos obsessivos, trazendo-os à doutrinação, os obsessores nos tomam como inimigos e abrem guerra contra os médiuns e doutrinadores, utilizando de todos os meios disponíveis para afastá-los do seu caminho. Armam verdadeiro cerco, exigindo vigilância redobrada em nossas atividades, pois os mesmos usam pessoas a nós relacionadas na área profissional ou doméstica para nos desequilibrar e nos fazer faltar à reunião. Provocam sintomas vários, tais como dor-de-cabeça, febre, vômitos e até sintomatologias cardíacas, na esperança de deter a nossa ação que, julgam favorável ao seu oponente e contrária a sua pessoa.

Certa feita, um deles me lançou uma ameaça dizendo: se não for com você, será com sua filha. Não levei a sério, pois já as escutara às centenas, levando-as na conta do desespero de quem já se sente derrotado e usa como última arma a

ameaça, tida e reconhecida como a arma dos fracos. Pois, para construir, é necessário a força que os fracos não possuem. Passado um mês, minha filha adoeceu de febre prolongada, e apesar de exames e antitérmicos vários, por quase duas semanas não recuperou a saúde. No décimo segundo dia de febre, na reunião de desobsessão, compareceu o irmão que, em gargalhadas e zombarias, relatou seu plano. Havia ele levado uma irmã desencarnada que se suicidara ateando fogo às vestes, deixando-a ao lado de minha filha de cinco anos que, por sua sensibilidade mediúnica, sentia as vibrações doentias da suicida, suportando parte do pesar. Na mesma reunião foi também trazida a irmã suicida que nos pediu perdão, dizendo não saber o mal que causava à garota. No dia seguinte, a febre cedeu e tudo voltou à normalidade.

O mais visado é sempre o doutrinador, personificado na pessoa de inimigo, que, se abatido, os demais abandonarão o campo, deixando-os livres. Contudo, sabemos que aquilo que nos acontece, não é determinado por esses pobres irmãos e sim pelas nossas fichas cármicas, que possibilitam a atuação dos mesmos como fatores concorrentes para os nossos tropeços.

Paralelamente atuam no obsedado, provocando-lhe pioras súbitas com conseqüente desânimo, induzindo-o a não mais buscar o centro espírita, por sentir agravado o seu estado, contabilizando esse agravamento por conta do seu tratamento espírita. De outra feita, mudam de técnica ensejando-lhe uma falsa liberdade, amenizando o cerco outrora pertinaz, ocasião em que o obsedado se crê curado, volvendo aos hábitos anteriores, descompromissados com a ética evangélica, sem saber que, postado em vigília, seu algoz aguarda a oportunidade do golpe final. Encaminha também ao lar daqueles a quem perseguem, bêbados, loucos, desocupados e oportunistas, tomando o clima doméstico pernicioso e hostil onde os invigilantes tratam de transformá-lo em campo de batalha. Muitos desses irmãos são apenas instrumentos involuntários, pois não sabem da realidade gerada pela sua ação. Os viciados recebem como pagamento o objetivo do seu vício; os loucos passam a residir no lar para onde são levados permanecendo alienados, e os mercenários recebem conforme o contrato anterior preconizava.

Certa ocasião, conversando com um irmão que procurava, em processo obsessivo, levar um outro ao suicídio, conseguimos obter dele uma trégua, na qual ele permaneceria vigilante. Passamos a orientar o obsedado, que tentando renovar-se, promovia esforços louváveis, iniciando inclusive o culto do evangelho no lar, quando retoma seu oponente e diz secamente: — "Eu dei a trégua, mas não é para vocês ficarem ajudando a ele não! Ele tem que se virar sozinho". Continuamos nossa ajuda e a obsessão veio mais pertinaz, com nova tentativa de suicídio.

Assim é o trabalho doutrinário. Conversação, psicologia, compreensão da dor alheia. Muitos nos acusam de olhar somente para as atuais vítimas, quando são trazidos imobilizados ao diálogo forçado. "E o que ele me fez, não conta!?" Perguntam-nos raivosos e sentidos. Lembro que ali sou seu advogado, como do seu

oponente, e não juiz. E que preciso lembrar a ele, que a vida dispensa a figura do juiz em causa própria, que aquele que agride está sempre abaixo daquele que perdoa, citando "O Evangelho Segundo o Espiritismo" quando prescreve que aquele que diz odiar a seu irmão, está proferindo a sua própria condenação. Retomamos com ele no tempo através de regressão de memória, onde ele observa seus atos igualmente equivalentes aos sofridos, o que o torna disponível a uma revisão de proceder, culminando muitas vezes no abandono da luta inglória, para volver sobre os próprios passos na construção e conquista da paz.

Sabemos pois, embora distanciados da plenitude evangélica, que doutrinar é amar e, como tal, devemos agir, fazendo cada um a sua parte, aquilo que lhe compete em favor da harmonia geral.

Lembramos ainda, que, sendo a vítima de hoje o algoz de ontem transferido no tempo, mesmo sensibilizado o agressor, retirando-se da pugna, o processo de resgate da dívida se fará através de outros processos de cobrança, abundantes nos códigos justiceiros da vida. Os mecanismos divinos não necessitam de infratores para corrigir outros igualmente infratores. A norma, portanto, é estender a ação doutrinadora a obsessores e obsedados, ambos carentes e necessitados da caridade, que devemos uns aos outros, em processo solidário de redenção conjunta.

Fluidoterapia

"Nos casos de obsessão grave, o obsedado está como envolvido e impregnado por um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É necessário livrá-lo desse fluido".

(cap. XXVIII: item 81 - Evangelho Segundo o Espiritismo)

"Atuando estes fluidos sobre o perispírito, este, a seu turno, reage sobre o organismo material com que se acha em contato molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo ressurte uma impressão salutar; se são maus; a impressão é penosa".

(cap. XIV: item 18 - A Gênese)

Pela lei da correspondência vibratória, a radiação age sobre a radiação, o pensamento sobre o pensamento e o fluido sobre o fluido. Assim é, que o obsedado é pressionado por descargas fluídicas, que desarmonizam suas forças vitais, sob o comando do seu oponente. Para livrá-lo desse fluido pernicioso, é necessário administrar um fluido saudável, para que este neutralize o efeito daquele.

Sabemos que o pensamento, agindo sobre o fluido, pode provocar doenças, quando manipulado pelos obsessores, e bem-estar, quando trabalhado pelos bons espíritos. Ao ministrarmos passes no obsedado, o bom fluido promove, algumas vezes, o afastamento do obsessor, que não se beneficia, por impor-se refratário a sua assimilação. Passado o efeito fluídico, geralmente ele volta, sob o chamamento daquele que muitas vezes, já condicionado a sua presença incômoda, sente a sua falta. Pode acontecer também, nos casos de subjugação, pela imantação perispiritual, que o obsessor permaneça ligado, ou seja levado a adormecer, sob a

ação de fluidos calmantes e dulcificantes, aliviando momentaneamente a carga aflitiva que curva os ombros do socorrido.

No geral, o passe, como tratamento desobsessivo, objetiva uma revitalização a nível perispiritual, com reflexos no organismo material, por transferência de energia. Ao mesmo tempo, procede uma dispersão ou concentração fluídica para posterior retirada, neutralização e limpeza do perispírito e introduz fluidos revitalizantes, beneficiando o obsessor e o obsedado pela formação de clima desintoxicado por algumas horas, para convivência de ambos. A permanência desse clima depende dos gladiadores, que tanto podem criar atmosfera campestre, como aspirar o ar fumarento exalado de excrementos citadinos.

Água Fluidificada

Igualmente ao passe, onde os fluidos podem ser absorvidos pelo paciente na imposição das mãos, esse fluido salutar pode ser ingerido com água, disseminando-se pelo perispírito, que por sua vez, atua no corpo denso. A água sendo um fluido onde as moléculas possuem espaços que podem ser penetrados e preenchidos por outros fluidos mais sutis, impregnando-se e saturando-se deles, torna-se ótimo coadjuvante no tratamento. Tanto os obsedados, como os doentes de todos os matizes, devem fazer uso de tal medicamento. Pois, possuindo os fluidos propriedades inúmeras, podem trazer benefícios e malefícios igualmente numerosos. Funciona tal fluido, à maneira de medicamento sutil, ingerido por via oral, direcionado a zonas específicas, ou gerais do perispírito, sem contra-indicações ou efeitos colaterais. Como todo medicamento, necessário se faz, além da ingestão, a obediência à dieta prescrita. No caso em pauta, o esforço exaustivo e continuado na auto-renovação age como complemento urgente e necessário ao restabelecimento. É preferível que se faça uso da água fluidificada em seu estado natural, à temperatura ambiente. Pois congelar ou fervê-la, muda o comportamento de suas moléculas, motivando uma desagregação do fluido com prejuízos na sua finalidade.

A fluidoterapia é portanto, mais um medicamento que o divino médico nos coloca ao dispor, quando abdicamos da convivência com a saúde, pela não observância do seu evangelho redentor. Médico dos médicos, não se cansa em receitar-nos oração e vigilância, trabalho e tolerância para não cairmos sob o contágio ulceroso das moléstias obsessivas.

Evangelhoterapia

"Dedica uma das sete noites da semana ao "culto do evangelho no lar" a fim de que Jesus possa pernoitar em sua casa. Prepara a mesa, coloca água pura, abre o evangelho, distende a mensagem da fé, enlaça a família e ora. Jesus virá em visita. Quando o lar se converte em santuário, o crime se recolhe ao museu. Quando a família ora, Jesus se demora em casa. Quando os corações se unem nos liames da fé, o equilíbrio oferta bênçãos de consolo e a saúde

derrama vinho de paz para todos".

Joanna de Ângelis: Messe de Amor pág. 174

"Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes e vos seria feito".

Jesus

○ Evangelho de Jesus é um hino à vida. Código moral perfeito, se constitui no farol de nossas vidas em mares calmos ou revoltos, aconselhando a prece como bússola e o trabalho como mapa, torna nula a possibilidade de naufrágios ou desvios de rotas para portos menos seguros.

Devemos observar que, na antiguidade o homem consultava o céu para orientar-se, muitas vezes, contagiando-se com a sua beleza e imensidão, entrando em sintonia com ele, o que lhe dava clima de calma, mesmo ante os vendavais.

Tomando-se a vida como uma grande viagem, cheia de tormentas e de "icebergs", hoje, contentamo-nos com aparelhos elétricos computadorizados, de grandes varreduras terrestres e aéreas, mas que não trazem o céu até nós. Nessa viagem, que é a nossa vida, precisamos observar o céu. O farol, que é Jesus, a bússola, que é a prece, e os mapas, que são as oportunidades de serviço. Nosso barco só será capaz de vencer as grandes vagas, se, na condição de bons timoneiros observamos as regras acima. Á obsessão nada mais é do que o barco à deriva, quando o seu condutor perdeu os mapas, a bússola e o instrumental de orientação. O obsessor é o pirata, que apossando-se da embarcação a impele a rumo perigoso, podendo resultar em naufrágio onde ambos correm perigo. Obsessor e obsedado necessitam das patrulhas de salvamento, formadas pelos bons espíritos, que aconselhando e provendo as necessidades, quais sejam, o pão e a água viva, para que jamais tenham sede ou fome, volvam a singrar os mares com segurança.

O obsedado deve, quando ainda não subjugado, praticar o evangelho, procurando vivenciá-lo. E quando subjugado, a família procederá com a implantação do evangelho no lar saneando o clima, favorecendo uma penetração a nível de inconsciente das lições otimistas, para que, posteriormente, as mesmas retomem ao consciente incentivando uma reação positiva. Sem a dinâmica evangélica, que certamente será combatida de início pelos obsessores, o tratamento desobsessivo resultará inócuo, quiçá agravado ante as agressões pela disputa encetada, pois qualquer um de nós redobramos as forças quando encontramos desafios em nosso caminho. No dizer de Emmanuel, "o homem evangelizado adquire compreensão e amor, iluminando seus caminhos em trânsito para vida superior". Evangelizar-se, portanto, é imunizar-se contra as obsessões.

Assistência Familiar

"As grandes provas, — escutai bem — são quase sempre o indício de fim de sofrimento e de um aperfeiçoamento do espírito, desde que sejam aceitas por amor de Deus".

Evangelho Segundo o Espiritismo

- "Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade tal como a entendeu Jesus?
- Benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias e perdão das ofensas".

O Livro dos Espíritos: **886**

Paralelo ao tratamento espírita, deve seguir o apoio familiar ao obsedado, mesmo porque, todos estão incursos no mesmo processo obsessivo, ligados por vínculos passados, onde foram co-participantes, autores intelectuais ou monitores da tragédia alheia e da sua própria. Abandoná-lo é comprometer-se. Ignorá-lo é perder-se.

Irmanados por necessidades evolutivas, chamados a procedimentos mais dignos, devem envidar todos os esforços, no sentido de libertarem o companheiro, libertando-se igualmente do acúleo que funciona qual espora afiada em animal preguiçoso, apressando-o a adiantar-se.

Muitas vezes, alguns obsedados, ao afastarem-se do lar, para internamento ou veraneio, melhoram, em virtude da diminuição dos fatores incidentes sobre o grupo levado a efeito pelos cobradores desencarnados, havendo uma piora, caso o obsedado não haja se renovado, por ocasião de sua volta. É necessário que a família não atribua toda a culpa da situação ao enfermo da alma, pois saúde é privilégio de poucos nesse mundo.

De bom alvitre, é que o obsedado, em caso de não subjugação, ocupe-se em tarefas no centro espírita, tal como distribuir mensagens espíritas, encaminhar pessoas ao passe, levar um copo com água para alguém, etc. Estando com a mente ocupada, dificulta que a mesma seja dominada pela mente obsessora, ao mesmo tempo em que, sentindo-se útil e necessário, tem sua moral fortalecida.

Se o centro espírita dispuser de um psicólogo ou psiquiatra, deverá instá-los a informar ao enfermo sobre a problemática em si, e os meios terapêuticos geradores de libertação através de encontros feitos, como terapia de grupo, onde cada um veja que, não apenas ele sofre de algum problema, e que a sua dor não é a única nem a maior. Unidos por esse traço, — a obsessão—os enfermos podem discutir entre si meios preventivos, atenuantes, fortalecedores, contra suas recaídas. Devem, enfim, encarar seus problemas com otimismo, sem esperar a mágica imediatista do milagre, sem o esforço ostensivo do querer, que se traduz em poder. E que Jesus, o etemo vigilante de nossas almas, nos fortaleça, para que possamos sempre pugnar pela vitória do bem em nós.

QUARTA PARTE Terapia Psiquiátrica

Terapia Psiquiátrica

"A subjugação corpórea, em seu desenvolvimento, poderia levar à loucura?

— Sim, a uma espécie de loucura cuja causa é desconhecida do mundo, mas que não tem relação com a loucura ordinária. Entre os que são tratados como loucos há muitos que são apenas subjugados. Necessitariam de um tratamento moral, enquanto os tomam loucos verdadeiros com os tratamentos corporais. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer esta distinção e curarão maior número de doentes do que os fazem com as duchas".

(cap. XXffl pág 289 - Livro dos Médiuns)

O Neurótico. O Psicótico. O Obsedado.

O Neurótico é:

— Portador de distúrbio nervoso sem lesão aparente.

— Possuidor de conflitos intra-psíquicos geralmente inconscientes, profundamente enraizados na infância.

— Consciente do seu estado mórbido.

— Integrado na sociedade, sendo produtivo e levando a vida praticamente ou aparentemente normal.

— Dono de pensamento criativo, com sequência lógica e coerente em suas ações.

O Psicótico é:

— Possuidor de grave doença emocional com desordem de conduta.

— Portador de alterações perceptíveis da realidade e do auto-controle.

— Na maioria das vezes desconhecedor do seu estado patológico.

— Levado a criar um mundo para si, isolando-se da sociedade.

— Dono do pensamento fragmentado e sem sequência lógica.

O Obsedado é:

— Portador de doença de cunho espiritual que pode manifestar-se e instalar-se como doença física e/ou psíquica.

— Tolhido em seu pensamento, sendo este direcionado pelo obsessor.

— Conhecedor do seu estado de dominado por outra mente mais forte que a sua.

— Agredido física e moralmente por um antagonista que o odeia e não faz

esforço em esconder-se.

— Averso ao tratamento espírita.

— Cerceado em suas tentativas de ajustamento (físico, moral, financeiro, social, psicológico, etc) por ele ou não empreendidas e obstaculadas por uma força oponente. Para ele, nada parece dar certo.

— Tomado, às vezes, de melhoras repentinas por ocasião do tratamento espírita, seguido de recaídas pela volta do obsessão.

— Alguém que não soube usar a oração e a vigilância em sua vida, escudo contra qualquer ameaça à paz e ao espírito.

Muitos que buscam o centro espírita, não conhecem a função específica de libertar a mente da ignorância pelo esclarecimento da verdade. Disse Jesus que a verdade nos libertaria. Quem conhece a verdade e lhe segue as pegadas, subtrai-se do ciclo reencarnatório milenário, onde reprisa-se o mesmo lugar variadas vezes, em lentidão angustiante, quando urge a caminhada rápida em sentido certo. Adentram esses irmãos no centro espírita, vindos de outras religiões, onde cultuam, muitas vezes, a ociosidade mental, a indiferença pelos postulados que adotaram, procedendo como meros espectadores, descompromissados pelo corpo ético das ideias evangélicas. Chegam temerosos, ariscos, buscando curas através de remédios mágicos, exigindo muitas vezes que os familiares mortos ou espíritos outros, escrevam fórmulas anti-males, para o usufruto de uma vida sem problemas, quando o problema é o seu próprio remédio. Chamados à conversação fiança sobre as atividades da casa, bloqueiam-se, acham difícil um comprometimento com a renovação e decepcionam-se quando descobrem que o nosso Jesus é o mesmo das outras religiões, e faz as mesmas restrições ao eiro e à acomodação. Entendem muitas vezes, sacudidos pela dor, as suas atitudes anteriores de apatia frente ao dinamismo da vida, mas nem sempre põem as mãos no arado ceifando as ervas daninhas do terreno inculto dos corações. Muitos caem em profundo desânimo frente ao tempo perdido, e outros alegram-se como se houvessem descoberto algo ansiosamente buscado e esperado. Esses, consertam a bússola e ativam os torpedos da fé e se fazem a mar alto em busca das pérolas da esperança, do esforço e da reconstrução. Aqueles, sentem-se impossibilitados de aferir o instrumental de orientação e ficam à deriva, até que pela escassez de suprimentos, sejam impulsionados pela fome a lançarem suas redes na água do mar revolto.

Muitos são os que batem às portas do centro espírita arrastando familiares subjugados, após exaustiva via-sacra sem êxito na libertação dos mesmos. Desconhecedores das leis justas de causa e efeito, identificam no companheiro o mal de origem fisiológica, quando a causa é passada, transportada via espírito para hoje, em efeito contundente a exigir urgência na medicação. Aquele que atende a esses irmãos, deve armar-se da caridade e da técnica para melhor ajudar na cura ou melhora de tais enfermidades. Bem ingênuo será se prometer a cura, pois

obsessões há, que se perpetuam, ultrapassando os umbrais do túmulo, desafiando o buril do tempo e da dor. Tolo se mostrará, se desprezar os recursos médicos, em excesso de confiança nos amigos espirituais. Mas, confiança não ahcerçada na razão e na lógica, que prescrevem que, tendo o homem corpo e espírito, precisa igualmente do tratamento corporal e espiritual.

A maioria das subjugações objetivam, em sua vingança, levar o obsedado ao sofrimento, à loucura ou ao suicídio. Para isso, o obsessor, através de recursos fluídicos, tecnologia específica (aparelhos) e técnicas de hipnotismo, atua perispiritualmente, prejudicando órgãos físicos do obsedado, que necessita, além da fluidoterapia, da quimioterapia, da psiquiatria, da psicologia e de outros tratamentos correlatos.

A confiança nos amigos espirituais é louvável, mas entendendo-se que os mesmos são apenas espíritos e não mágicos, que possam fazer surgir ou cessar efeitos, quando as causas são aplicáveis na área material médica. Creio mesmo que os espíritos proveriam um medicamento similar, mas a custo de dificuldades extremas na sua aplicação. Como usar o eletrochoque, o soro, a anestesia, a transfusão sanguínea ou terapias de grupos? Preparemo-nos pois, nós espíritas, candidatos a auxiliares de tais irmãos, no sentido de reconhecermos uma obsessão e encaminhá-la a tratamento, pois muitos desses que nos buscam, não possuem espíritos a lhes ditar normas de conduta, mas seus próprios espíritos é que são atormentados. São neuróticos, psicóticos, alucinados, delirantes, depressivos, paranóicos, e que necessitam, no momento, mais de um tratamento psiquiátrico do que de um tratamento desobsessivo. Claro, lógico e evidente, que aqui o tratamento espírita segue paralelo, como complementação.

Sintomas Novos. Causas Antigas.

Constitui-se hoje, grande dificuldade reconhecer ou definir o indivíduo normal, frente à elasticidade do conceito de doença, que ultrapassou há muito a área física, integrando-se à psíquica, em complexo emaranhado de sintomas correlatos, muitas vezes de difícil origem e identificação. A mágoa, a inveja, o orgulho ou o ciúme, podem ser classificados como fatores predisponentes de distúrbios de profundidade no comportamento humano, o que caracteriza a doença. Depreende-se de tais conceitos que, em muitos instantes da vida, agimos como loucos, identificando-nos e caracterizando-nos como tais. Passados esses instantes, que podem ser dias, volvemos à normalidade, com as sequelas geradas por tais comportamentos, sofrendo pelos sofrimentos que causamos. Somos assim temporariamente loucos ou obsedados, margeando e ultrapassando a linha da loucura, em incursões indesejáveis, mas inevitáveis no cidadão comum, cujo esforço ainda não argamassou um caráter nobre, sedimentado no ser manso e

pacífico aconselhado por Jesus. Quando esses instantes de loucura se sucedem com frequência, os golpes desferidos contra nossos sensores cerebrais, as cenas mórbidas fixadas, os atentados dissolventes da razão, a supremacia da má ideia em detrimento do otimismo, terminam por desorganizar nosso equilíbrio psicossomático, incluindo-nos na longa lista dos que trazem os nervos em sobressalto e as emoções em desalinho. Por outro lado, o comportamento do indiviso gerando condicionamentos profundos, se transfere de uma para outra vida, impondo que se repitam os gravames, as atitudes costumeiras, que devem ser superadas mediante a supremacia dos valores íntimos. Tais condicionamentos, traduzidos nas imperfeições morais, desgastam as defesas da individualidade, porque, imantando o homem às energias perniciosas, em cujo campo se movimenta, produzem desequilíbrios e similares que o tornam alienado em si mesmo; renascendo distônico, impressionável, agressivo, rebelde, receoso ou estigmatizado por suspeitas e desconfianças que procedem dos arquivos dos atos passados. É impelido a repetir as experiências malogradas, diante das quais se aturde e adoece sob alta carga de emoções descontroladas. São os pacientes cuja alienação se encontra na intimidade do ser, e se exterioriza obedecendo ao processo de reparação espiritual. Predisposto à loucura, faltam-lhe apenas os fatores que lhe ultrapassem a capacidade de resistência para arrojá-lo ao desespero, de difícil retomo. Para esses irmãos, auto-obsedados, inútil será buscar-lhes obsessores, pois suas próprias mentes são seus algozes. A consciência exerce, aí, a função de juiz implacável, a exigir reparações.

É importantíssimo, portanto, reconhecer se o paciente que busca o centro espírita é obsedado ou auto-obsedado.

Como recurso auxiliar transcrevemos aqui, alguns sintomas psiquiátricos comuns e comportamentos psicóticos, que podem ou não ser problema obsessivo. No caso obsessivo, o obsessor agiu apenas como fator concorrente, pois as causas determinantes já habitavam a mente transtornada do enfermo a quem persegue. Nos sintomas e doenças relacionados, existe a necessidade de um aconselhamento ao paciente, no sentido de que ele busque um psiquiatra, informando-o preliminarmente que tal médico, não tem como função tratar de loucos ou débeis mentais. São apenas conselheiros, mais credenciados e especializados no tratamento do corpo. O psiquiatra tratará do seu corpo com reflexos na sua alma diremos, e o centro, com o seu esforço (do paciente) tratará de sua alma com reflexos no seu corpo, pois tal é a função de sua medicina.

Ansiedade

A ansiedade é uma reação normal a algo que nos ameaça o corpo, os haveres, os entes queridos, a nossa conduta ou algo que temos em conta de grande estima. Diante da sala de parto, quando a criança é nossa, ficamos ansiosos. A véspera do jogo do Brasil na copa do mundo, sentimo-nos também ansiosos. Essa é uma

ansiedade normal e até benéfica, pois estimula o indivíduo a ações que facultam um bom desempenho da sua personalidade. Esse estado de ansiedade pode ultrapassar o limite da normalidade, dependendo da sua intensidade, duração e das circunstâncias que o provocam. Um estado ansioso pode tomar o indivíduo em alerta máximo, irritável, inseguro, inquieto ou fazê-lo imóvel aparentemente, já que seu interior encontra-se tenso. Poderá ainda tomá-lo super-dependente, fazendo-o buscar o núcleo espírita por somenos, apoiando-se na pessoa que o atendeu e lhe inspirou confiança, ou refratário, por excessiva preocupação com seus problemas, nada absorvendo que lhe faculte melhora, não mais retomando, por considerar o centro incapaz de solucionar sua problemática. A ansiedade nos médiuns e demais trabalhadores do centro, quando se apresenta ostensiva, restringe suas atividades, com conseqüente queda da produtividade. Anula em muitos casos a concentração na mesa mediúnic, prejudica a memória e outras áreas psicomotoras.

O indivíduo quando se torna ansioso por razões insignificantes, e essa ansiedade toma-se persistente, precisa de um psiquiatra, mesmo sendo velho frequentador e atuante na comunidade espírita. Quando o estado ansioso toma-se crônico, é possível a ocorrência de um conflito constante entre o desejar e o não concretizar, devido ao seu nível de censura julgar o desejo como proibido de realização. Devemos tomá-lo consciente desse conflito, fortalecendo-o e incentivando-o a resolvê-lo através de decisão firme, o que imprimirá uma regressão no conflito, embora o indivíduo, não se realizando no seu desejo, permaneça infeliz.

Paralelamente à Psiquiatria, o centro espírita mostrará nesse ponto, o evangelho de Jesus, que lhe abre as portas para novos mundos e imensos trabalhos, onde ele poderá substituir aquilo que lhe traria o máximo de satisfação material, por aquilo que lhe dará o máximo de alegria espiritual: servir a Jesus. O seu desejo anterior era fruto de um mundo diminuído em que aquela ideia matriz gravitava dominando as demais. O evangelho mostra outro mundo, onde o avistar e participar dos problemas alheios em doação e fraternidade, reduz o desejo inicial, muitas vezes substituindo-o por outros mais puros e sadios para o espírito. De outra feita, dá-lhe a conformação e ajuda na superação da crise ansiosa, sublimando-lhe as ideias. Pois, quando começamos a lembrar dos problemas dos outros, apressando-nos em solucioná-los, esquecemos dos nossos, não por fuga, ou atitude irresponsável, mas porque a mente está ocupada usando a sua criatividade, no que se desvincula do núcleo que a prendia e subjugava. Quando a ansiedade tem como causa os fatores culturais, valores absorvidos em instituições religiosas, educação castrativa e regressiva, o Espiritismo como religião dinâmica, científica e filosófica, mostrando o caminho da responsabilidade individual, a ausência de dogmas, a obrigatoriedade da colheita nas plantações regadas e o espírito como artífice do seu próprio destino, certamente funciona como demolidor da ansiedade

por tais origens.

No centro espírita a orientação doutrinária deverá ter como complementação, o apoio fraterno, no sentido de mostrar a transitoriedade da crise, incutindo a confiança, até que a segurança venha habitar a conduta do enfermo.

Depressão

A depressão manifesta-se pelo desinteresse do cotidiano. Aquilo que era espontâneo, recolhe-se, necessitando-se um esforço adicional para conseguir sempre menos prazer naquilo que se empenha, e que anteriormente era motivo de alegria. Na depressão suave, o paciente não se sente doente, mas também não está satisfeito ou confortável. Está sempre fatigado e ruminando preocupações à proporção que o ânimo, a coragem e a esperança vão enfraquecendo. A sua aparência e procedimento podem parecer normais, mas para si, o mundo já não apresenta os mesmos atrativos de antes. Quando a depressão passa a acentuar-se, o paciente sente-se realmente doente, ingressando em fase de tristeza, inutilidade e insegurança, podendo perder a auto-estima. Ele pode apresentar um retardo no pensar, falar e agir, como também proceder de maneira inquieta tal qual o ansioso. Seguem-se as queixas de dores, fadigas, sentimentos de inutilidade ou culpa, o que leva à insônia e a atitudes hipocondríacas. Muitos psiquiatras relacionam a depressão com uma forte dependência do paciente, constantemente necessitado de proteção, apoio e aprovação. Como o dependente desaponta-se constantemente pela não satisfação do seu grau de dependência, passa a sentir forte frustração e revolta pela sua fragilidade. Esse estado de revolta agrava seu problema, pois aqueles dos quais depende, afastam-se, às vezes, julgando-o ingrato e intragável, pois geralmente se doamos, queremos receber de volta as gentilezas.

Em psiquiatria, as explicações para a origem da depressão, relacionam-se à perda da auto-estima, resultando em depressões caracterizadas por culpas, pesar ou sintomas físicos ou mentais, na qual o paciente sente desespero e desconforto físico. Em outras ocasiões, pode o depressivo apresentar cólera, em virtude de uma perda real ou simbólica, onde ele, especialmente vulnerável à perda, não admite separações daquilo que lhe constitui valor. Para auxiliar esse tipo de paciente, é necessário fazê-lo compreender a natureza da perda desencadeante, que ativou uma consciência muito arbitrária e severa para consigo mesmo. Em alguns casos o risco de suicídio deve ser avaliado, indagando-se francamente ao paciente sobre suas inclinações. O centro espírita poderá dar apoio e esclarecimento a tais pessoas, principalmente nos momentos de crises, sem contudo gerar uma dependência. Se for necessário, devemos mostrar a sua crueldade para consigo mesmo, levando-o a detectar em si, valores e talentos positivos, desejáveis por qualquer pessoa. Mostrar enfim, a imensa legião de seres que se situam à retaguarda em condições piores; e que ele dispõe de bênçãos

suficientes para conseguir uma felicidade relativa ao planeta em que vivemos.

Reação de Pesar

A reação de pesar é motivada pela perda, por morte, de uma pessoa a qual muito se amava. Isso leva o indivíduo a apresentar um quadro definido, onde a conduta apresenta as seguintes variações, que transcrevemos abaixo, retiradas do "Manual de Psiquiatria" de Philip Solomon e Vernon Patch.

1) Ao lembrar a pessoa falecida, surge um aperto na garganta, respiração entrecortada, suspiros, sensação de vazio no abdôme, falta de força, e desconforto físico. Isso pode durar entre 20 minutos a uma hora de cada vez. Esses sintomas, à proporção que o tempo elastece, vão desaparecendo, surgindo ligeiros ecos em eventuais ocasiões, tais como no dia do aniversário do falecido.

2) Intensa preocupação com a imagem do falecido, acompanhada por uma sensação de confusão, um sentimento de irrealidade e uma acentuada distância emocional de outras pessoas.

3) Sentimento de culpa. O paciente investiga o período antes da morte, em busca de ocasiões em que possa ter falhado quanto a uma conduta apropriada em relação ao desaparecido.

4) Desconcertante perda de calor no relacionamento com outras pessoas, quer mantendo-se alheio ou irritável e revoltado.

5) Perdas de padrões normais de conduta, com agitação, desatenção, alheamento e uma desagradável falta de capacidade para iniciar ou manter padrões organizados de atividade.

Esse procedimento que envolve o guardar pertences do falecido e remoer suas memórias, com forte vinculação mental, prejudica o desencarnado, que não se libera dos vínculos que o prendem ao lar e aos seus, forçando-o a uma vida de dupla preocupação. A reação de pesar constitui-se, assim, em chamamento do desencarnado, que se vê obrigado a esforços extremos para transitar livremente no mundo que ora habita, sem ser atraído a cada lamento ou lembrança dos que o amam deseducadamente. Amar não é reter. Muitas vezes é libertar, pois liberdade pressupõe respeito aos anseios que todos cultivamos, notadamente o de ser livre. Nesse caso, o esclarecimento do centro, é no sentido de modificar esse vínculo, tomando-o mais forte à proporção que o enfraquece; bem como preparar o paciente para a perda. Não nos preparamos para as perdas. Nem a perda da vitalidade, nem dos haveres, nem da vida material. A educação, a meditação, o numerar das prioridades corretamente, a certeza da vida além da morte com reencontro dos afins ou não, o estudo doutrinário e outros procedimentos, constituem excelentes ideias que amenizam o momento da separação dos entes queridos.

Se a reação de pesar tiver procedência de culpa, por não haver se portado como o desencarnado esperava, no que gera uma necessidade de punição, mais uma

vez o ensinamento espírita poderá erradicá-la pelo esclarecimento de que é portador e a prece de que é conselheiro.

Ideias Paranóides

Na ideia paranóide, é comum o indivíduo sentir-se perseguido por alguém ou por grupos que querem prejudicá-lo. O tipo de perseguição é determinado pelo aspecto social e cultural da pessoa. Se é negociante, são seus concorrentes que o perseguem. Se é político são seus adversários. Se é religioso e acredita na existência do diabo, este mesmo pode persegui-lo em tentações. Todos temos ideias paranóides em certas ocasiões, como tendência de transferirmos aos outros as causas dos nossos tropeços e de nossas quedas. Essas ideias passam a ser inoportunas, quando habituais, firmando em nossa mente o estado de alerta, por sermos alvos constantes de inimigos ocultos. As ideias paranóides podem estar inclusas em doenças tais como: esquizofrenia, degeneração senil, doenças cerebrais e outras. O portador da ideia paranóide vive sob constante tensão, gerada pela ameaça que paira sobre ele, de encontrar-se frente a frente com o seu inimigo. Falta-lhe a paz que faculte uma descontração e relaxamento.

O Espiritismo, como doutrina propiciadora de paz, muito lhe ajudará, se o mesmo compreender que a conquista desta, não dispensa o trabalho que traz esquecimento de si, e a prece que traz a lembrança de Deus, fonte perene de paz e consolação.

Delírios

O delírio apoia-se em uma falsa convicção daquilo que se está observando ou vivendo, sendo extremamente difícil a persuasão do iludido sobre a falsidade que vive, através de argumentação e lógica dos fatos. Os delírios podem apresentar-se junto às ideias paranóides, onde o indivíduo sente-se observado, seguido ou mesmo influenciado por mentes estranhas, gerando um quadro semelhante à obsessão comum. Podem igualmente associar-se à depressão, à sensação de culpa e à perda da auto-estima, delineando um quadro onde a vida não vale mais a pena ser vivida, com tendência ao suicídio. Existem ainda os delírios de grandeza, onde o indivíduo sonha possuir muito dinheiro ou sonha ser uma figura importante e respeitada, bem como nos delírios eróticos, pensa em mudar de sexo, ou ser amado por uma estrela famosa, ou ainda ser um infiel enveredando-se em conquistas amorosas. Nos estados paranóides, na esquizofrenia e nos estados depressivos dos psicóticos, é comum a ideia delirante. Conversando com portadores de tal doença, não devemos desacreditá-los em suas narrativas, encarando com serenidade suas histórias. Mostrar que suas ideias são falsas, de nada adiantam, podendo o mesmo tomar nossa participação como mais um agente do seu delírio, incompatibilizando-se conosco.

Ajudêmo-lo com nossas preces e demais recursos do centro espírita, na

certeza de que, conforme a urgência, a necessidade e o merecimento, a ajuda não tardará a amenizar o quadro.

Alucinações

As alucinações são percepções sensoriais espontâneas, embora indesejadas, sentidas como se originadas de fora, sem contudo encontrar suporte para explicá-las. Na alucinação, qualquer um dos cinco sentidos pode estar envolvido como agente captador do estímulo, agindo separadamente ou em conjunto... Na alucinação visual, as cenas podem ser amenas ou trágicas, bem como na auditiva as vozes podem ser suaves ou agressivas. As alucinações são constantemente confundidas no centro espírita como fenômenos mediúnicos, onde o alucinado é tido como médium deseducado ou obsedado, que vê e ouve cenas do mundo espiritual. As alucinações diferem dos pesadelos e dos sonhos, pois o indivíduo durante o instante da alucinação está parcialmente ciente do seu ambiente. Nesses instantes de sono parcial, semelhante ao desdobramento, o alucinado sente-se aterrorizado pois não pode mover-se, havendo a sensação de que o transe durou horas ao retomar à realidade, ao cabo de alguns segundos. O estado alucinatório cessa quando ele consegue mover algum músculo, adentrando o mundo real para todos nós. A ingestão de drogas, psicoses várias, bem como a estafa física, isolamento prolongado e fome excessiva, levam a estados de alucinação que, cessadas as causas, igualmente cessam os efeitos. Nos centros espíritas devemos ter o cuidado de não catalogar o alucinado como portador de mediunidade ostensiva, encaminhando-o à educação mediúnica. Uma consulta aos amigos espirituais pode ser de grande valia no diagnóstico em questão.

A Esquizofrenia

MA esquizofrenia é a mais comum das doenças mentais e se caracteriza por distorção do senso de realidade, inadequação e falta de harmonia entre pensamento e afetividade, e frequentemente alucinações e ideias delirantes. Os principais tipos são: paranóide (perseguido), catatônico (mudo, estuporoso, céreo ou bizarro, excitado, delirante), hebefrênico (frívolo, infantil, isolado), simples (apático, regressivo)". O texto acima foi extraído do Manual de Psiquiatria de Philip Solomon e Vemon Patch.

Os psiquiatras definem a esquizofrenia como um grupo de desordens que se manifestam por distúrbios característicos do pensamento, humor e comportamento. Os distúrbios do pensamento promovem alterações de conceitos, o que leva o indivíduo a interpretar erroneamente a realidade. As mudanças de humor se caracterizam pelo fato de o indivíduo dar igual expressão a impulsos e sentimentos contraditórios e opostos, responder emocionalmente de maneira inadequada às situações vividas e à perda de empatia. O comportamento pode ser de isolamento, regressivo ou bizarro. O esquizofrênico é portador de um conflito

intraprésiquico, onde a deficiênciã ou anormalidade no funcionamento mental, o impede de solucionar os conflitos gerados pelos seus impulsos instintivos, a consciênciã e a realidade externa. Esse tipo de conflito leva ao enfraquecimento do ego, isolamento e regressão. Nota-se o enfraquecimento na percepção com a realidade, no controle de impulsos, na habilidade para estabelecer e manter relacionamento harmônico com outras pessoas, na criação de ideias, percepção, intenção, pensamento e linguagem e nas funções de síntese que possibilitam ao indivíduo unir, organizar e formar configurações de suas vivências. Com tal soma de decepções, as frustrações são inevitáveis, redundando na perda da auto-estima. Passa então ao isolamento, criando um mundo só para si, com ele relacionando-se através de processos internos, que pode regredir para níveis anteriores do funcionamento psíquico. A criação desse mundo irreal é motivada pela sua não adaptação ao mundo real, para ele agressivo, incompreensível e excessivamente fragmentado.

Segundo BLEULER os sintomas fundamentais da esquizofrenia são:

- Falta de sequência lógica de um pensamento para o outro. No pensamento predomina a desordem.

- Pensamento predominantemente subjetivo e endógeno. O indivíduo apresenta-se tão preocupado com suas fantasias, delírios ou alucinações, que fecha-se em mutismo externo, quando intemamente movimentá-se em seu mundo irreal. Os psiquiatras chamam a isso de autismo.

- Respostas emocionais inadequadas ao conteúdo do pensamento. Nesse caso, o humor é geralmente inconsistente ou exagerado, variando da indiferença, frivolidade, constrição, impassibilidade até o embotamento afetivo.

- Sentimentos, atitudes, desejos ou ideias contraditórias em relação a um dado objeto, pessoa ou situação.

A esquizofrenia é uma doença cármica, cujas origens se prendem a nossos excessos e desregramentos. Ao recebermos um desses irmãos no centro espírita, conversemos com ele; sem dirigi-lo, sem ser o seu fiscal, sem expor nossos pontos de vista. Apenas ouvindo-o falar sobre o que ele acha importante para sua vida, fortalecendo-o com o nosso apoio e vibração, sem contudo entrarmos em processo de socialização ostensiva com o mesmo, para não gerar dependências nocivas a ambas as partes. Participemos na obra assistencial ao irmão, certos de que estamos auxiliando a alguém desequilibrado em virtude de seus próprios débitos passados, saído da zona purgatorial, onde as imagens e o sofrimento imprimiram em sua mente a perturbação geradora dos quadros esquizofrênicos, provocados pelas transformações nocivas do quimismo cerebral. É um doente da alma e do corpo, e como tal necessita urgente misericórdia e apressado amor, medicamentos de todos os males e curas.

Enviá-lo ao psiquiatra somente, é deixá-lo manco, pois corpo e alma estão doentes. Retê-lo no centro apenas, é praticar meia caridade e a meia caridade é

indigna do centro espírita. Ciência e religião. Essa é a exata medida do atendimento integral.

Psicose Maníaco-Depressiva

A Psicose Maníaco-Depressiva (PMD) é caracterizada por distúrbios ostensivos do humor. Pode variar da excitação à depressão severa, dominando a mente e o comportamento do paciente. Caracteriza-se pela fluência de fala e aumento da atividade motora na excitação e tristeza e diminuição de apetites relacionados com alimentos, sono, sexo e demais atividades. Na depressão o diagnóstico das PMD toma como base para afirmar-se presente os seguintes fatos:

- Um distúrbio físico nítido e marcante do afeto, no qual o pensamento está em harmonia com o humor.
- Nenhuma deterioração intelectual ou de personalidade. - Crises bem definidas.
- A ocorrência de casos similares em familiares.
- Fatores psicológicos desencadeantes, irrelevantes ou insuficientes para justificarem o grau da doença.

Quando o portador da PMD é do tipo maníaco, seu comportamento caracteriza-se pela excitação, humor instável, fluência verbal e aumento da atividade motora. Ele é excessivamente alegre, eufórico, desinibido e com traços de genialidade. O paciente brinca arrebatadamente com bom humor desenfreado até que a frustração o contenha, no que ele toma-se irritável, violento e agressivo. Acompanha-o nesse quadro, a fuga de ideias, a ausência da auto-crítica, debilitada auto-percepção e tendência em culpar aos outros pelo que faz de insucesso. Arquiteta mil e um planos, para ele todos infalíveis, podendo envolver pessoas menos avisadas em empresas extravagantes, mas planejadas com muitos detalhes lógicos. Esse dinamismo exagerado acaba por levar-lhe a uma exaustão física, motivada pela sua incessante atividade mental e motora que lhe nega o sono, e quando adormece desperta breve, ansioso por recuperar o tempo que, segundo ele, perdeu no sono. Fazê-lo entender que está enfermo e submetê-lo a tratamento é dificultoso, pois não se reconhece doente nem necessitado de medicamentos. Já no tipo delirante, o paciente encontra-se alheio à realidade e a sua fala é incoerente, sem sequência ou encadeamento lógico. Sua atividade apesar de ser ininterrupta é desordenada e sem propósito, podendo inclusive, caso não haja tratamento, morrer por exaustão. No tipo delirante, pode ocorrer a presença de alucinações e delírios, tomando-o perigoso. Um outro tipo grave da PMD é a do tipo depressivo. Nesse caso, o paciente apresenta-se deprimido e retardado em seu pensamento e suas ações. Caracteriza-o o desânimo, a tristeza, a agitação, a perplexidade, o desespero e o desamparo. Perde a esperança e a confiança em si e na vida, tomando-o à conta de inútil em uma existência inútil, advindo-lhe daí a intensa melancolia aliada à cólera dirigida contra si próprio. Recolhe-se então ao

seu interior, desligando-se da família, amigos e das atividades habituais. E então alguém que procura anular-se fugindo de si, mas sempre defrontado consigo mesmo. Apesar de estar com a memória e a orientação intactas, esse tipo de paciente possui uma paralisia da vontade, dificultando a realização de atividades simples como levantar-se ou trocar de roupas, exercendo-as sob intensa supervisão. Dorme pouco e em muitos casos existe a possibilidade de suicídio, principalmente quando o desespero e o pessimismo tomam vigor e sobressaem-se como variáveis dominantes do quadro. No portador da PMD, o atendente do centro espírita deverá, como tratamento complementar ao tratamento psiquiátrico, estabelecer e manter um relacionamento confiante, objetivando adentrar o mundo isolado em que aquele se encontra, procurando a longo prazo auxiliá-lo na percepção, adaptação, interpretação e movimentação do mundo real, visto que o mesmo condenara-se à clausura. Estimular na conversação o otimismo, a confiança, a fé em Jesus, apontando a oração como tônico fortalecedor do seu ego e revitalizador da esperança. Fazê-lo ver que o problema da doença é sempre grave, quando o doente é o grave problema, e a esperar no futuro a resposta da vida através do tempo que tudo acomoda em seus lugares verdadeiros. Sustentar que nenhum milagre existe que não seja consubstanciado através de esforço e da busca exaustiva, adicionando-se ao combustível da ação, a chama luminosa da fé, no que materializamos o trabalho, senha e passaporte para a libertação. Fazê-lo optar acertada-mente pelo arado, em contraposição à ociosidade mental, e apontar terrenos férteis, sementes selecionadas, regadas a suor e sacrifícios, pois é quase sempre assim a difícil caminhada do seguidor do Cristo no mundo. Eis então, a receita para todos os males do corpo e da alma. Viver e se necessário, até sofrer por amor a Jesus Cristo.

O Suicídio

Nem todas as tentativas de suicídio são movidas por processos obsessivos. A depressão, a psicose atual ou passada, caracterizando a perda da auto-estima e a sensação de que a vida perdeu todos os seus atrativos, são fatores desencadeantes do suicídio.

Schneidman e Farberow classificaram os suicidas em quatro tipos gerais:

1) Aqueles que acreditam que o suicídio seja uma transição para uma vida melhor, ou maneira de salvar a sua reputação.

2) Aqueles que são idosos, desolados, ou doentes e que consideram o suicídio uma libertação.

3) Aqueles que são psicóticos e se matam em resposta à alucinações e delírios.

4) Aqueles que se matam por despeito: os outros sofrerão com isso e eles de algum modo presenciarão este sofrimento.

O suicídio não é fruto de uma deliberação e de uma execução instantâneas. Tem

a sua história anterior, geralmente ligada a perdas graves, tais como perda da saúde, de pessoas amadas, de dinheiro, de poder, de dignidade, de beleza, de status, de independência, ...etc.

Como não somos educados para as perdas materiais, preferimos as perdas espirituais, que nos são geralmente desconhecidas e de cobranças posteriores. Jesus já advertia aos que detinham valores, cujo pensamento ingênuo e egoísta procurava retê-los, perguntando: de que vale ao homem ganhar o mundo inteiro se perder a sua alma?

Podemos considerar o suicídio como resultado final de progressivo fracasso na adaptação com a vida, onde a falta de fé, a sensação de inutilidade e a falência do instinto de conservação e sobrevivência são predominantes.

Nesse estado, o paciente é considerado em risco grave de suicídio nos casos abaixo:

- Quando afirma repetidamente que prefere estar morto.
- Quando psicótico, é impulsivo e desconfiado, apresentando medo ou pânico, ou ouvindo vozes que lhe ordenam suicidar-se.
- Quando depressivo e portador dos seguintes sintomas:
 - * Culpa em relação a mortes de pessoas amadas.
 - * Sentimento de perda do valor pessoal e de desespero.
 - * Desejo de auto-punição.
 - * Isolamento e melancolia.
 - * Agitação e ansiedade exageradas.
 - * Perdas dos quatro apetites: fome, sexo, sono e atividade.

Estejamos atentos no centro espírita para com esses irmãos de infortúnio, mostrando-lhes as outras noventa e nove portas abertas, quando ele apenas enxerga a única fechada. Lembremos a esses irmãos que já não querem mais viver, a importância de doarem suas vidas, doando-se a outros irmãos que padecem mais que eles. Deixem-se consumir pelo amor, o amor que salva, que redime e afasta da morte. Mencionemos ainda, que o corpo é instrumento divino, que facultá o crescimento das emoções positivas, quando temperado no aço da esperança e no diamante da fé. Não nos disse Jesus que veio para que todos tivéssemos vida? Não é ele o caminho, a verdade e a vida? Busquêmo-lo. Com Jesus, a morte perde o seu significado doloroso de aniquilamento, e reveste-se de alvorada límpida de reencontros e realizações. Amemos a vida, cientes de que ela é a mais alta manifestação de Deus entre nós, altíssimo investimento que jamais pode ser desprezado. Pensemos como Albert Schweitzer, quando afirmava: "A verdadeira religião é amar a vida."

Conclusão

Assim como a primavera nunca desaponta os passarinhos, a chuva e o sol não discriminam em suas funções, assim como Deus movimenta estrelas e quasares,

o trabalho desobsessivo embasado no amor e na persistência mobiliza as forças do bem gerando a luz.

Assim é, pois ninguém, na paz ou na guerra, ausenta-se da luz divina, embora dela procure isolar-se através de máscaras e antíparos, instrumentos que o tempo a dor desgastam e destroem.

É portanto inútil bloquear-se para Deus, pois, o sentido Deus-Espírito em qualquer ponto da trajetória evolutiva é canal livre e navegável pelas forças superiores, mesmo que legiões do mal tentem bloqueá-lo com paredões de ódio e trevas.

Estamos imersos em Deus, isso é inegável. O obsessor, esquecido dessa realidade procura fugir da luz divina refúgiando-se na penumbra devassável pelo amor vigilante do bem. Gira em círculo no restrito espaço de sua monoideia com imensa dificuldade na locomoção e na visão, ferindo e ferindo-se, sofrendo e provocando sofrimento, na semi loucura que é tomar a vingança como diretriz de sua vida.

E o processo obsessivo escolhe infeliz de quem o pratica e remédio amargo a quem se aplica. Nele a dor generaliza-se como reação de cada ação dos envolvidos e passa a ser o resumo das atitudes vivenciadas. Em casos tais a dor é sempre mestra e o sofrimento a sua invariável lição, que a princípio embrutece, agride, queima... mas que também lapida, sutura, cauteriza, cicatriza, pois sua meta é invariavelmente a supremacia da razão, fustigando para o alto, forçando o recolhimento de valores garimpados sob toneladas de cascalhos. Quando alguém quebra as algemas que para si foijara, a liberdade não se afigura como o mais preciso dos bens? O diamante encontrado abaixo de montanhas removidas a suor e lágrimas não é o mais belo entre muitos outros? A dor é assídua nos processos obsessivos, no entanto, tal como a paz, ela nunca comparece sem ser chamada.

Trabalhemos pois na erradicação do ódio, sem medir esforços e os mensageiros espirituais responderão com a assistência necessária e a medicação precisa. A prece, o passe, o esclarecimento, o esforço contínuo são pré-requisitos da ação desobsessiva. Vigiai e orai é o conselho maior. Vigiar amando e orar servindo são antídotos valiosos contra qualquer tipo de obsessão. Sejamos valentes mas dóceis nesta luta, crentes que seremos em tudo assistidos quando por nossa luz assistirmos aos nossos irmãos, posto que, o preço da luz acesa é a constante doação do combustível que a alimenta, o amor.

Bibliografia

Hugo, V. - *Árdua Ascensão*; Bahia: Alvorada, **1985**.

Hugo, V. - *Calvário de Libertação*; Bahia: Alvorada, **1981**. Hugo, V. - *Párias em Redenção*; Rio: FEB, **1971**.

Kardec, A. - *A Gênese*; Rio: FEB, **1975**.

Kardec, A. - O Evangelho Segundo o Espiritismo; Rio: LAKE, **1980**.
Kardec, A - O Livro dos Espíritos; Rio: LAKE, **1975**. Kardec, A. - O Livro dos Médiuns; Rio: FEB, **1978**. Miranda, M.P. - Grilhões Partidos; Bahia: Alvorada, **1985**.
Miranda, M.P. - Nas Fronteiras da Loucura; Bahia: Alvorada, **1982**.
Miranda, M.P. - Paineis da Obsessão; Bahia: Alvorada, **1984**. Pereira, Y. A. - Dramas da Obsessão; Rio: FEB, **1976**. Solomon, P.e Patch, V. - Manual de Psiquiatria; São Paulo: Atheneu, **1975**.